

Elizabeth Vencio

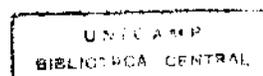
**CARTAS ENTRE OS JARAWARA: UM ESTUDO DA APROPRIAÇÃO
DA ESCRITA**

Dissertação apresentada ao Curso de
Linguística do Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de
Campinas como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem

1996



UNIDADE	BC
N.º QUANTAS	
UNICAMP	
05500	
V.º	Ex.
007	28412
000	667/96
C	<input type="checkbox"/>
D	<input checked="" type="checkbox"/>
000	8411.00
BAM	03/09/96
N.º CPD	

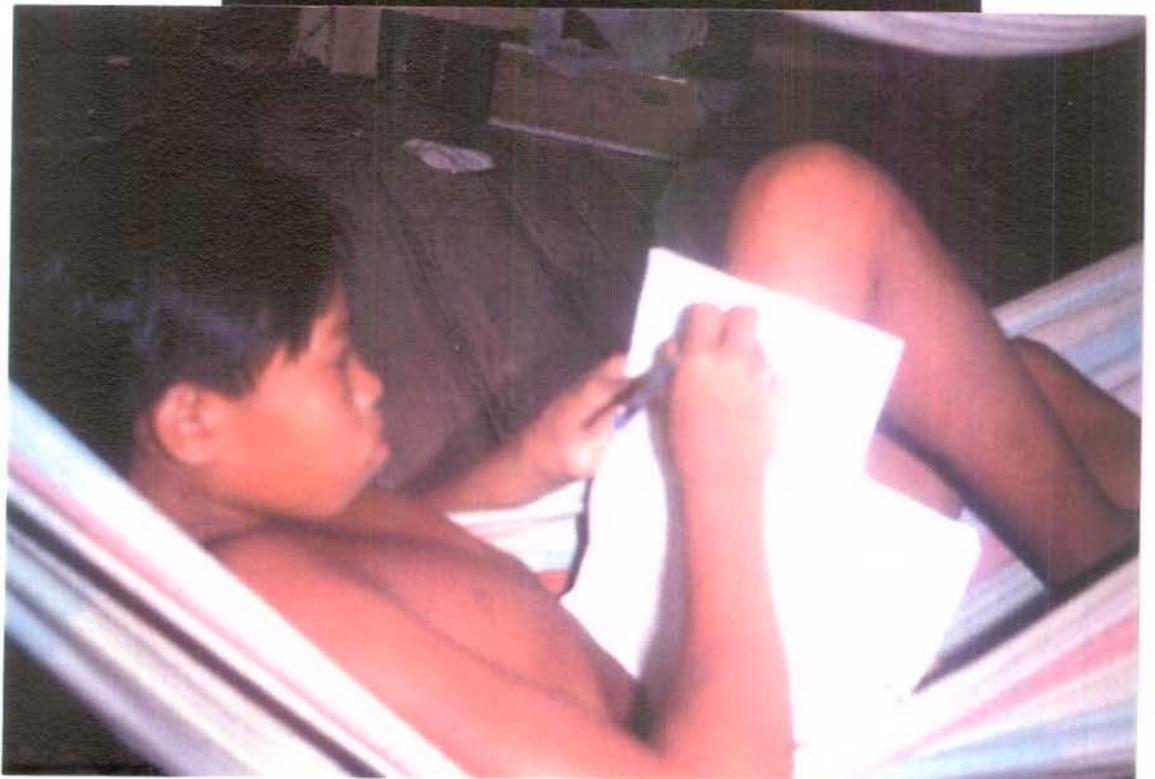
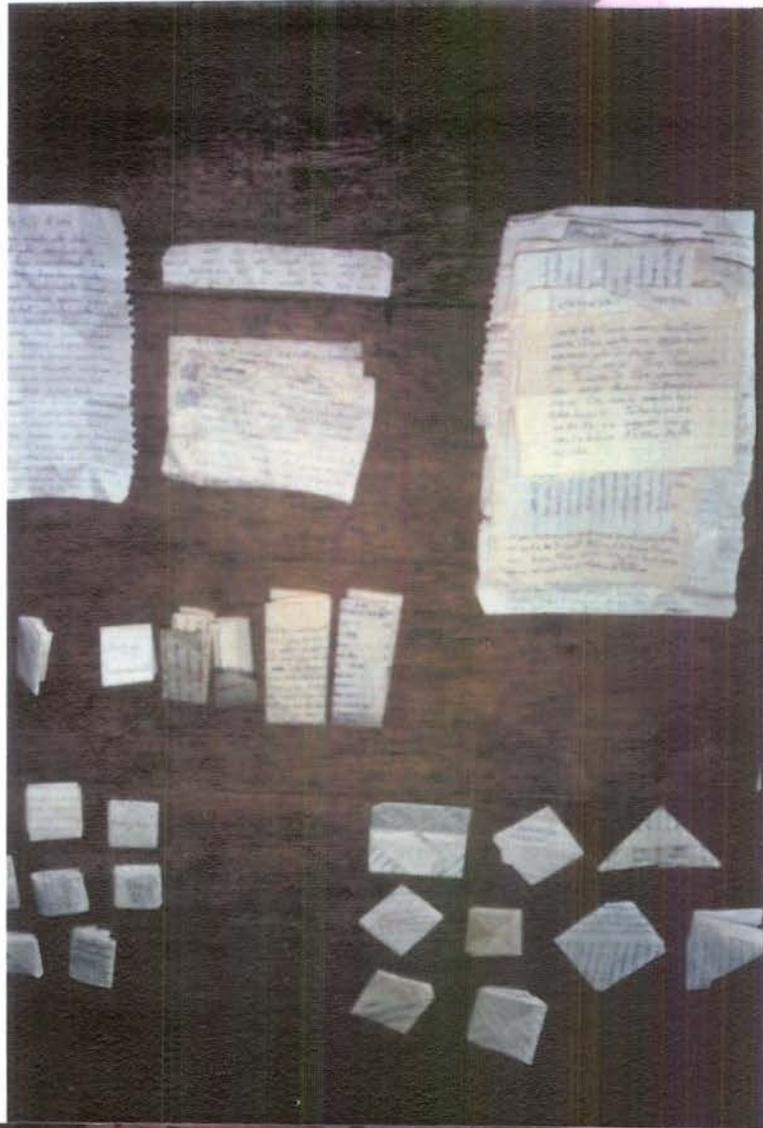
CM-00091848-0

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

V552c	Vencio, Elizabeth Cartas entre os Jarawara. um estudo da apropriação da escrita. / Elizabeth Vencio. - - Campinas, SP [s.n.], 1996.
	Orientador Tânia Maria Alkmin Dissertação (mestrado) - Universidade Es- tadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem
	1. Escrita - estudo e ensino. 2. Linguis- tica Antropológica 3 * Escrita jarawara 4.* Lingua jarawara I Alkmin, Tânia Maria. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem III Título

cartas

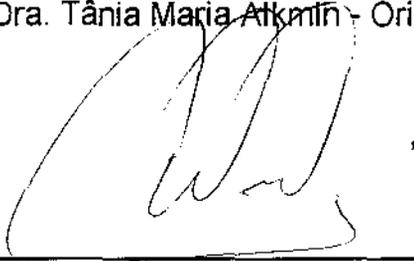
Jarawara



Aprendendo a escrever escrevendo carta

Tânia Maria Atkmin

Profa. Dra. Tânia Maria Atkmin - Orientadora



Prof. Dr. João Wanderley Geraldi

Maria Laura Trindade Sabimson

Profa. Dra. Maria Laura Trindade Sabimson

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Elizabeth Vencio

e aprovada pela Comissão Julgadora em
15, 08, 1996.

Tânia Maria Atkmin

**Esta dissertação é dedicada ao povo Jarawara
e à colega Sandra Giani Estrada**

Agradecimentos

Esta dissertação é consequência de muitos anos de trabalho que só foram possíveis com a colaboração de muitas pessoas e instituições. Reconhecendo esta parceria quero, inicialmente, agradecer ao povo Jarawara e à pessoa que realizou o trabalho comigo, a colega Sandra Giani Estrada. Agradeço também aos colegas que, de diversas maneiras, colaboraram na realização do trabalho: Alan e Lucília Vogel, Afonso C. Martins, David e Francisca Irving. Pelo apoio recebido sou grata, igualmente, à minha família, meus amigos e às instituições: Igreja Assembléia de Deus (da cidade de São José dos Campos, SP), Instituto Bíblico das Assembléias de Deus (Pindamonhangaba, SP), Northland Christian Church, Sociedade Internacional de Lingüística e Jovens Com Uma Missão (JOCUM).

Esta dissertação é consequência, também, do Curso de Mestrado em Lingüística oferecido pela UNICAMP em Porto Velho, em convênio com a Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Agradeço, pois, a estas instituições e, mais diretamente, aos professores da UNICAMP que se locomoveram até Porto Velho para ministrarem as aulas. De forma mais especial agradeço ao Prof. Dr. João Wanderley Geraldi por ter sugerido o relato da experiência Jarawara, e também à Profa. Dra. Tânia Maria Alkmin por sua orientação na dissertação. Agradeço, ainda, as observações e sugestões dos professores Dr. João Wanderley Geraldi e Dra. Maria Laura Trindade Sabimson na fase preliminar desta dissertação.

Agradeço, finalmente, a todos os colegas da JOCUM que me ajudaram de variadas formas durante o curso do Mestrado e na fase final, na digitação da dissertação, sacrificando horas de seu descanso.

A todos, meus profundos agradecimentos!

SUMÁRIO

1. A HISTÓRIA DO POVO JARAWARA	11
1.1. <u>Os aspectos gerais do povo Jarawara</u>	11
1.1.1. A localização e população	11
1.1.2. A denominação e classificação lingüística	12
1.2. <u>A História do contato</u>	13
1.3. <u>O contato e a cultura Jarawara</u>	14
1.3.1. As modificações causadas pelo contato	14
1.3.1.1. A introdução da língua portuguesa	14
1.3.1.2. As mudanças ocorridas	17
1.3.2. <u>O modo de vida Jarawara na atualidade</u>	22
1.3.2.1. O trabalho	22
1.3.2.2. A alimentação	23
1.3.2.3. A vida social, o lazer e as festas	24
1.3.2.4. A religião	30
2- OS JARAWARA E A ESCRITA	33
2.1- <u>O contato com a escrita</u>	34
2.2- <u>A experiência Jarawara</u>	36
2.2.1- A solicitação da escola	36
2.2.2- Os trabalhos preliminares	37
2.2.3- A organização das classes	37
2.2.3.1- Os alunos	38
2.2.3.2- O local das aulas	40
2.2.3.3- O calendário	40
2.2.3.4- O horário das aulas	41
2.2.4- Os primeiros escritores	42
2.2.5- O controle Jarawara sobre o letramento	44
2.2.5.1- Os primeiros professores	44

2.2.5.2- O surgimento das cartas	47
2.2.5.3- A carta e a expansão do letramento	49
2.2.5.4- As modificações feitas pelos Jarawara	52
2.2.5.4.1- O sistema "Cada um ensina um"	52
2.2.5.4.2- O horário e o ambiente das aulas	53
2.2.5.4.3- O material didático	54
3. A CARTA JARAWARA	60
3.1. <u>Informações gerais</u>	60
3.2. <u>Os níveis de observação e análise</u>	61
3.2.1. A materialidade	61
3.2.1.1. A linguagem	61
3.2.1.2. O "ritual" da escrita	62
3.2.1.3. Os interlocutores	64
3.2.1.4. Os dois tipos de cartas	65
3.2.1.5. Os temas variados	67
3.2.1.6. A tendência circulante	71
3.2.2. As funções da carta	73
3.2.2.1. O contato	73
3.2.2.2. O afeto	74
3.2.2.3. O jogo	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
BIBLIOGRAFIA	83
ANEXO	86

RESUMO

A presente dissertação relata a experiência do povo Jarawara com a escrita. Embora sendo uma sociedade de tradição oral, os Jarawara, que foram contactados na segunda metade do século passado, recentemente solicitaram a escrita. Receberam a alfabetização na língua Jarawara e os livros pós-cartilha foram escritos pelos próprios Jarawara recém-alfabetizados com temas do etnoconhecimento do povo. Mesmo procurando respeitar as tradições Jarawara, essa escola inicial ainda era marcada pela tradição escolar dos "brancos". A verdadeira escola Jarawara estabeleceu-se quando os próprios Jarawara assumiram o controle do processo de escolarização fazendo várias modificações. A modificação mais profunda que fizeram foi a mudança da função que receberam para a escrita, através da substituição do livro didático impessoal, pré-elaborado, que foi trocado pela CARTA, que se tornou o livro didático Jarawara, pessoal e em constante elaboração. A carta se tornou o meio e o fim do letramento. Além disso, criaram a CARTA JARAWARA, tendo como característica principal o fato de ser escrita para uma pessoa em particular mas lida por todas.

O mais surpreendente na experiência Jarawara com a escrita é a rapidez com que o povo assumiu o controle do novo conhecimento: tendo recebido a escrita em 1989, apenas quatro anos depois, em 1992, a escola e a escrita Jarawara já eram realidade.

A experiência Jarawara demonstra, portanto, que as pessoas podem agir sobre a escrita, transformando-a e lhe dando a forma desejada.

1. A HISTÓRIA DO POVO JARAWARA

1.1. Os aspectos gerais do povo Jarawara

1.1.1. A localização e população

1.1.2. A denominação e classificação lingüística

1.2. A História do contato

1.3. O contato e a cultura Jarawara

1.3.1. As modificações causadas pelo contato

1.3.1.1. A introdução da língua portuguesa

1.3.1.2. As mudanças ocorridas

1.3.2. O modo de vida Jarawara na atualidade

1.3.2.1. O trabalho

1.3.2.2. A alimentação

1.3.2.3. A vida social, o lazer e as festas

1.3.2.4. A religião

1. A HISTÓRIA DO POVO JARAWARA

1.1. Os aspectos gerais do povo Jarawara

1.1.1. A localização e população

O povo Jarawara vive na região do médio Purus, município de Lábrea, Estado do Amazonas, com uma população de 153 pessoas (censo setembro de 1995). Esta população está distribuída em seis comunidades principais que são : São Francisco, Casa Nova, Água Branca, Terra Pratinha, Yemete e Mangueira. Estas comunidades estão localizadas próximas ao rio Cainã que corre paralelo ao rio Purus. A distância entre estas comunidades varia de uma a quatro horas de caminhada.

A área ocupada pelos Jarawara faz parte da área indígena denominada Jarawara/ Jamamadi / Kamamati, interditada em setembro de 1988 e demarcada em 28-8-91, com a extensão de 383.757 Ha. Os Jarawara dizem que os seus antepassados sempre moraram na área onde moram hoje, nas proximidades dos rios Apitua e Cainã, porém mudando o local das comunidades de tempo em tempo. Contam que algumas localidades foram abandonadas por causa de epidemias de sarampo (para impedir a proliferação da doença); outras foram abandonadas porque eles resolveram ficar mais perto do rio Purus, o local das transações comerciais com os "patrões"- os comerciantes da região - porque tinham que carregar muitos quilos de borracha até a margem do rio.

A população Jarawara está assim distribuída (conforme classificação Jarawara) :

Aldeias	Faixa etária e sexo								População total
	Crianças 'inamatewe'		Adultos mais jovens 'atona, yetene'		Adultos mais velhos 'atona, yetene mais'		Velhos		
	M	F	M	F	M	F	M	F	
São Francisco	7	3	8	13	3	3	7	4	48
Casa Nova	6	10	12	9	2		4	3	46
Água Branca	4	4	7	7	1	1	4	2	30
Terra Pratinha	2	1	1	1	3	2	1	1	12
Yemete				3		1	2	2	8
Manguocira				2	1		2		5
Fora das aldeias		1		1	1			1	4
Sub total	19	19	28	36	11	7	20	13	
Total	38		64		18		33		153

1.1.2. A denominação e classificação linguística

O nome que os Jarawara dão a si mesmos é e [nós] (1a. pessoa, plural, inclusivo). O nome Jarawara ou Jaruára, que foi dado a eles por outro povo não identificado, acabou por ser adotado.

Conforme a classificação de Aryon Rodrigues (1986), a língua Jarawara faz parte da família Arawá, que inclui também as línguas Yamamadi, Banawá-Jafi, Deni e Kulina.

Dixon e Vogel (1993) consideraram Jarawara como dialeto da língua Madi, juntamente com Jamamadi e Banawa. A língua Madi é por eles considerada parte da família Arawá, que é composta por mais estas línguas : Paumari, Suruwaha, Deni e Kulina/Madiha.

Kroemer (1985) classificou os Jarawara como parte do grupo Jamamadi, ao lado dos Kanamadi e Banawá-Yafi, informando ainda que o nome Jamamadi "parece vir do Paumari, significando "homem selvagem "(jiwã-mãgi)."

Há alguns trabalhos antropológicos e lingüísticos publicados e outros em elaboração sobre o povo e a língua Jarawara (1)

1.2 A história do contato

Günter Kroemer (1985), em seu livro "Cuxiuara, o Purus dos Índigenas", apresenta um ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os índios do médio Purus, em que vários documentos, registros históricos, são citados. Segundo estas informações, o primeiro registro relativo aos Jarawara é de 1845, no relatório do militar João Henrique de Matos, encarregado de pesquisar sobre os povos do Purus com a finalidade de estabelecer missões (catequese) e recrutar mão-de-obra indígena. Ele dá várias informações sobre os povos da região a partir dos relatos de seu amigo Manoel Urbano da Encarnação que explorava a região há muitos anos. João Henrique de Matos relata que Manuel Urbano da Encarnação tirou da selva "quatorze nações indígenas para a margem do rio, fazendo-as povoar e trabalhar em roças de mandioca e outras plantações". Entre estas nações estavam os Jarawara. Estas informações são confirmadas pelos atuais Jarawara que ouviram estas histórias de seus avós, que ressaltam a maneira violenta como seus parentes foram arrancados de suas localidades e obrigados a trabalhar para os primeiros "patrões", nas roças, à margem do Purus. Entretanto, os Jarawara, como também outras nações indígenas, reagiram a esta dominação e fugiram, voltando para a selva.

Por volta de 1870, quando iniciou a exploração da borracha, a selva foi invadida pelos nordestinos em busca do látex da seringueira. O confronto entre os povos do lugar (as nações indígenas) e os recém-chegados seringueiros foi violento, com muitas mortes de ambos os lados. Mas, aos poucos foi se estabelecendo uma coexistência pacífica, baseada no domínio do “branco”.

Os Jarawara se tornaram fornecedores de peles de animais, óleo de copaíba, sorva, castanha-do-pará e borracha para os chamados “patrões” que se tornaram proprietários de várias áreas de terra às margens do rio Purus. Pequenas vilas foram formadas ao longo do rio, tendo uma casa principal, denominada barracão, onde morava o patrão e, ao redor, as casas dos seringueiros, construções rústicas, cobertas com palmeiras.

Atualmente, mais de um século após o estabelecimento dos nordestinos no rio Purus, o sistema de exploração permanece o mesmo, sendo que nos últimos anos a madeira tem ocupado o lugar do produto mais rentável.

1.3. O contato e a cultura Jarawara

1.3.1. As modificações causadas pelo contato

Desde o início do contato mais amistoso os “brancos” assumiram a posição de senhores e passaram a determinar mudanças entre os Jarawara.

1.3.1.1. A introdução da língua portuguesa

Para possibilitar a comunicação, o português foi ensinado aos Jarawara, de maneira informal, enquanto aprendiam o ofício de

seringueiro com os empregados que os “patrões” enviaram às suas comunidades (estes empregados permaneciam longos períodos de tempo com os Jarawara). Também os Jarawara aprenderam português nos contatos esporádicos com os ribeirinhos, às margens do Purus, quando iam fazer transações comerciais ou participar de festas. Houve, ainda, alguns Jarawara que saíram de suas comunidades e moraram com “brancos”, trabalhando em barcos durante alguns anos e depois voltaram às aldeias.

O português que hoje é falado principalmente pelos adultos, sobretudo do sexo masculino, apresenta algumas peculiaridades, tais como:

- troca de algumas consoantes (por não existirem na língua Jarawara):

Português	Jarawara
gato	“cato”
guarda	“quarta”
chinela	“sinela, sinera”
chave	“safe”

- uso do pronome possessivo em lugar do pronome sujeito:

Português	Jarawara
eu, meu	meu
tu, teu	teu

- ausência de flexão verbal:

Teu querê foi Lábrea amanhã ?

//2a. pes./querer/ir/Lábrea/amanhã//

Você quer ir para Lábrea amanhã ?

Não, meu querê foi hoje.

//Não/1a. pes./querer/ir/hoje//

Não, eu quero ir hoje.

- posição do advérbio:

Teu comê poco muito.

//2a.pes./comer/pouco/muito//

Você come muito pouco.

Os moradores das margens do rio Purus, descendentes dos nordestinos que chegaram lá há um século atrás, conversam com os Jarawara usando a mesma forma de português que os Jarawara falam porque a forma normal de português não é bem compreendida pela maioria dos Jarawara.

1.3.1.2. As mudanças ocorridas

Com a introdução da língua portuguesa, o contato com os regionais foi facilitado. Várias mudanças ocorreram na vida dos Jarawara. Hábitos alimentares foram mudados: deixaram de comer tamanduá, bicho-preguiça e rato porque os “brancos” disseram que isto fazia mal; passaram a fazer farinha de mandioca à moda nordestina (puba) e a usar sal nos alimentos.

Alguns utensílios domésticos foram substituídos : a panela de barro foi trocada pelo caldeirão de alumínio; concha, prato, colher e copo passaram a fazer parte de todas as cozinhas Jarawara; o breu, resina de planta, usado para produzir luz, foi substituído pela lamparina com querosene.

A presença do homem “branco” na comunidade Jarawara e as visitas à margem do rio Purus tornou obrigatório o uso da roupa do “branco”. A princípio a roupa foi detestada, conforme relatou uma senhora Jarawara idosa (Kananisi), mas depois passou a ser apreciada. Com o uso da roupa, o sabão também se tornou necessário.

A espingarda foi introduzida para a caça de aves pequenas e para a pesca. Anzol e linha também passaram a ser usados para a pesca, além do arco e flechas tradicionais. A zarabatana continuou a ser usada por muito tempo após o contato mas recentemente caiu em desuso.

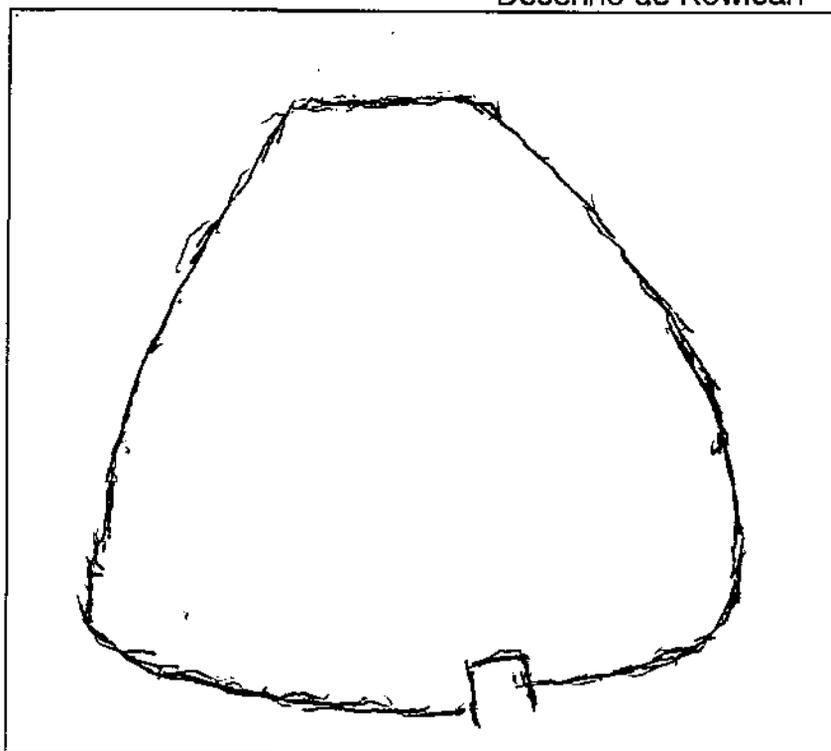
Aprenderam a fazer a festa do “branco” com música e dança da região, a lambada.

O estilo da casa foi modificado tornando-se idêntico ao utilizado pelos regionais. Antes de ter muito contato com os “brancos” os Jarawara faziam um tipo de casa diferente do que fazem hoje. Era uma casa

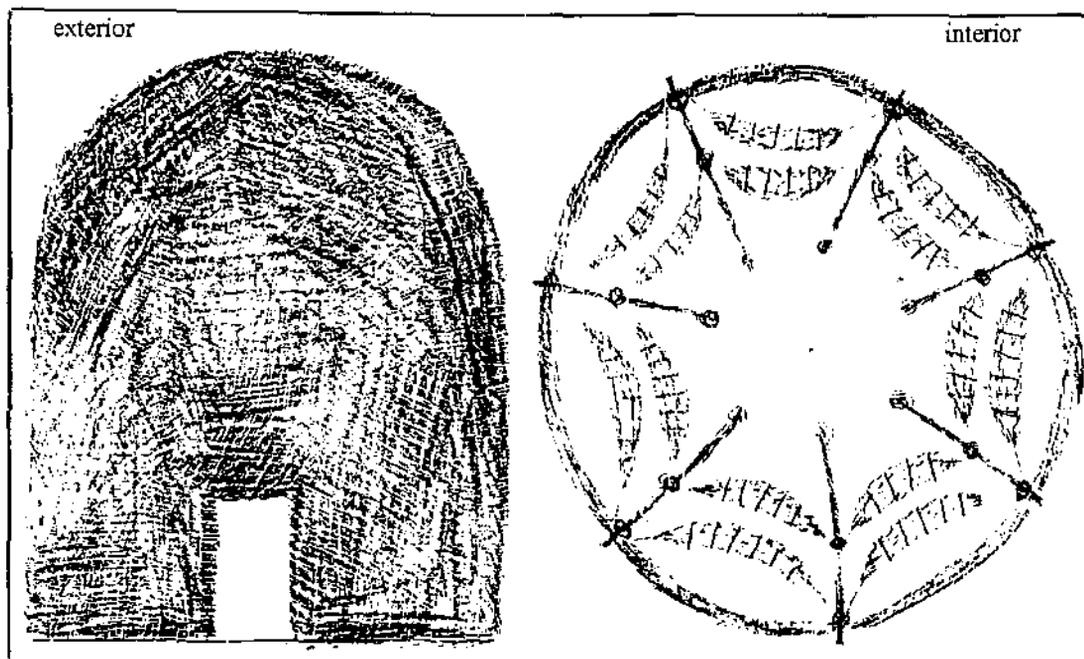
bem grande, redonda, onde moravam todas as famílias daquela comunidade. As famílias ocupavam espaços dentro da casa delimitados por estacas em que amarravam suas redes (feitas de envira). No centro, havia um grande espaço onde eram realizadas as festas, à noite. A iluminação era feita com pequenos bastões de breu, colocados no chão. No centro ficava um mastro, em volta do qual dançavam.

Kowisari, atualmente com cerca de setenta anos, morador no Yemete, e Kara, da mesma faixa etária, morador em Água Branca, moraram na casa grande tradicional quando eram crianças. Havia somente duas localidades: Paxiúba Velha e Mucuí. Kowisari era da aldeia Paxiúba Velha e Kara da aldeia Mucuí. Eles fizeram um desenho das casas antigas assim :

Desenho de Kowisari



Kara fez da seguinte forma :



Este modelo de casa foi abandonado. Copiaram o tipo de casa dos ribeirinhos, palafitas (com assoalho alto), de paxiúba (um tipo de palmeira), porém sem paredes internas. A cozinha, entretanto, ficou separada, ao lado, em um cômodo só com telhado, independente, mas ligado à casa por uma comunicação semelhante a corredor (sem paredes); ou simplesmente a cozinha ficou na frente da casa, na varanda, aproveitando uma extensão do telhado. Kara explicou que a cozinha ficava fora da casa quando moravam na antiga casa grande.

A cachaça chegou nos primeiros contatos “amistosos”. Conforme citação de Kroemer (1985), “... o presidente Adolfo de Barros Cavalcante de Albuquerque Lacerda constatou, simplesmente, que no Amazonas não existia catequese. Ninguém ia mais ao encontro do

índio no fundo das florestas virgens, no interior destes rios sem fim, a não ser o regatão, "menos bárbaro que o nativo", porém muito mais corrompido, que o explorava, o depravava e o desonrava a pretexto de comercializar. A presença do regatão traduzia-se "quase sempre pelos atos de imoralidade que praticava na choupana do índio, onde a família era ofendida em sua honra, depois que o chefe era embriagado". Os Jarawara que hoje são velhos contam que desde bem pequenos, crianças, seus pais já bebiam cachaça e também lhes davam para beber.

A posse das coisas do "branco", tais como utensílios de cozinha, equipamentos de caça e pesca, roupas, etc., representa, hoje, status mas também dependência. O "branco" não precisa mais usar a violência para conseguir os produtos da selva: o próprio Jarawara os traz espontaneamente em função de suas novas necessidades. Inicialmente, trazia produtos porque queria sal, querosene, etc. Depois, porque, a exemplo dos ribeirinhos, precisava pagar suas dívidas -- o "saldo" da linguagem regional -- junto aos patrões. Na realidade as dívidas se tornavam impagáveis e, por mais borracha, castanha e óleo de copaíba que levassem para o "patrão" nunca eram suficientes.

Este sistema econômico, instituído desde o início dos seringais (entre patrão e empregados), foi estendido aos Jarawara de uma forma ainda mais cruel. Além de desconhecerem a matemática dos "brancos", os Jarawara, dentro da ótica regional, não eram vistos como propriamente humanos, e portanto passíveis de serem tratados sem nenhum respeito.

Os Jarawara poderiam ter fugido do contato com os "brancos" como fizeram outros povos (Himarimã, por exemplo), indo mais para o interior da selva. Poderiam também ter resistido até à morte de quase

todos como aconteceu com os Juma (restaram menos de dez pessoas), mas eles optaram por uma coexistência pacífica, aceitando o papel de vencidos porque o relacionamento amistoso com todos é um dos valores de sua cultura. Combinando com este valor, estava o interesse deles pelas novidades da outra cultura : utensílios e equipamentos diferentes dos seus.

Segundo os relatos Jarawara, partiu deles a iniciativa de parar a violência. Contam que um Jarawara surpreendeu um seringueiro na mata, sozinho, e não o matou, mas propôs amizade, surgindo daí um relacionamento de trocas de produtos do interesse de ambos.

Isto não significa que haja confiança entre os Jarawara e os ribeirinhos, e que não haja ressentimentos dos conflitos passados. Mas, é importante para os Jarawara manter a convivência pacífica com todos os outros povos -- valor fundamental da sua cultura.

Mesmo sabendo que os "patrões" não são justos com eles nas transações comerciais, não querem conflitos. Querem sal, sabão, querosene, fósforo, tecidos, facões, panelas, etc. e sossego em seu território.

É interessante observar que, embora os Jarawara se sintam atraídos pelas coisas do "branco" eles não se sentem inferiores. São auto-confiantes e não se consideram incapazes para usar qualquer tecnologia do "branco", como moto-serra, motor de barco, espingarda, etc.

1.3.2. O modo de vida Jarawara na atualidade

1.3.2.1. O trabalho

Com relação ao universo do trabalho, vê-se que há atividades específicas dos homens, outras das mulheres, e outras que são realizadas em conjunto.

Os trabalhos específicos dos homens são: no preparo da roça, fazer a derrubada das árvores e pôr fogo; caçar, pescar (às vezes as mulheres pescam); tecer determinados cestos (yamasi e hisiri); colher o látex da seringueira e preparar as placas de borracha; quebrar castanha, extrair óleo de copaíba; derrubar madeira e locomovê-la (por água, no igapó, até onde os “patrões” estabelecem seus postos de recepção).

Os trabalhos específicos das mulheres são: distribuir a caça e pesca (quando tem bastante) entre os demais da comunidade; lavar a roupa e cuidar da limpeza da casa; tecer um tipo de cesto (boro), abanos e tipiti (prensa para a massa da mandioca); fazer panela e pote de barro.

Os trabalhos em que os homens e as mulheres trabalham em conjunto são : depois da queimada, ajuntar os paus que não queimaram (coivarar) e tomar a pôr fogo; plantar a roça (até as crianças ajudam); arrancar a mandioca; levar (em cestos grandes) para o igarapé e deixar de molho, retirar quando pronta e descascar, transportar, prensar e torrar; na construção da casa a mulher dá uma pequena ajuda, buscando palha e tecendo-a juntamente com o marido, mas a ele cabe a principal tarefa que é trazer a madeira do mato, prepará-la e levantar a casa; quando há grande pescaria, com timbó, as mulheres ajudam a pegar os peixes e carregá-los em cestos, caminhando grandes distâncias.

Educar e cuidar dos filhos é tarefa dos dois, pai e mãe, embora os filhos fiquem mais tempo com a mãe enquanto são bem pequenos por causa da amamentação e também porque o pai faz muitos trabalhos fora da casa. Inicialmente, o menino acompanha o pai em atividades realizadas na casa ou nas proximidades, e aos quatro/cinco anos, vai também à pesca. A menina Jarawara, desde pequena, acompanha as atividades da mãe. Tanto a mãe como o pai tratam os filhos com extrema paciência, fazendo-lhes todas as vontades para evitar que chorem. Se algum nenê chora, toda a aldeia quer saber o porquê. Se a criança se machuca por descuido dos pais, os avós ficam muito bravos com eles e os demais ficam criticando tal irresponsabilidade.

1.3.2.2. A alimentação

O principal alimento é peixe, cozido em bastante água para ser servido com muita farinha. Por isso a mandioca é a principal plantação de suas roças. A carne de caça é cozida da mesma forma. Mas tanto a caça como o peixe podem ser feitos assados, principalmente quando há grande quantidade. Há duas formas para assar:

- os peixes e a caça são espetados ou amarrados com cipó, em pequenas varas que são postas ao lado do fogo usado para cozinhar outros alimentos;
- os alimentos embrulhados em folhas especiais e amarrados com cipó são colocados sobre um girau, e abaixo deste é aceso fogo brando (neste processo o peixe pode ser conservado até quatro dias).

Além destes alimentos básicos os Jarawara plantam cará, inhame, batata doce, milho, cana e frutas diversas, tais como abacaxi, banana,

mamão, abacate, manga, araticum, biribá, jambo e, ultimamente, melancia e laranja.

Há outros alimentos abundantes na selva, que são sazonais como: assaí, bacaba, pupunha, buriti.

Os Jarawara criam galinha e pato, pouco consumidos, para vender aos “brancos”. Para comer, criam porcos, comprados dos ribeirinhos e também porco-do-mato, queixada, paca e cutia, capturados filhotes.

Há abundância de peixe nos dois rios que percorrem o território deles (Cainã e Apituaã), mas o mesmo já não ocorre com a caça, embora ainda exista uma quantidade razoável de anta, porco-do-mato, veado, tatu, paca, cutia, macaco, mutum, jacamim, etc.

1.3.2.3. A vida social, o lazer e as festas

Os Jarawara têm uma vida social intensa. As mulheres fazem longas reuniões nas casas, duas ou três vezes por dia, para conversar e aspirar o rapé. Estas reuniões estão, às vezes, combinadas com alguma atividade de trabalho, como prensar a massa da mandioca e peneirá-la para fazer farinha, tecer redes, cestos e abanos ou a confecção de anéis, pulseiras e colares. As mulheres se reúnem também no igarapé (riacho) quando vão para lavar roupa. Passam horas nesta atividade e aproveitam para conversar assuntos mais íntimos, em grupos menores (conforme observou Francisca). Os homens se reúnem toda noite, em casas diferentes, como as mulheres, para conversar e aspirar rapé. O relacionamento amistoso é muito importante.

De um modo geral os Jarawara gostam de brincadeiras. Particularmente, vale destacar uma espécie de jogo de que participam jovens e crianças, que simulam uma luta entre homens e mulheres. Nesse jogo há sempre homens e mulheres que procuram sujar o rosto um do outro, com carvão ou urucum e também imobilizam o adversário no chão.

Uma diversão masculina é o treino de pontaria com pequenas flechas em um alvo em movimento. O alvo é uma “bola” de envira com os lados achatados. São organizados dois grupos formados com adultos e crianças. Cada grupo fica numa extremidade do pátio. Um representante de cada grupo joga a “bola” que, ao passar pelo outro grupo, deve ser crivada de flechas. Depois as flechas são retiradas e a “bola” é jogada de volta para que o outro grupo faça o mesmo.

Quase todos os sábados há festa em alguma comunidade Jarawara, sempre com um “dono”, como eles dizem, que é o responsável para convidar as outras comunidades. Algumas vezes são promovidas festas copiadas das festas dos “brancos”; como baile, com lambada. Mas há também festas Jarawara tradicionais.

A festa tradicional Jarawara é realizada à noite, com o povo reunido no pátio da aldeia. As pessoas cantam e dançam de mãos dadas, ou mãos nos ombros um do outro, formando uma roda de homens e mulheres. Os pajés lideram o canto (ayaka). Os homens, em geral, repetem em coro a última frase que ele cantou. Algumas vezes as mulheres cantam junto com o coral dos homens.

Há também o canto das mulheres (yoiri), liderado por uma delas, cuja última frase também é repetida em coro pelas demais. Normalmente o canto das mulheres é realizado, também, no pátio, à noite. De mãos

dadas, em roda, cantam o **yoiri**. Nas festas, uma parte é dirigida pelos homens e outra parte é dirigida pelas mulheres.

Mas a grande festa dos Jarawara é a festa da menina-moça, parte mais importante do ritual de passagem das mulheres. O ritual é iniciado quando a menina tem a primeira menstruação. Ela comunica o fato à mãe que, em seguida, raspa-lhe a cabeça e a coloca numa minúscula cela chamada **wawasa**, construída pelo pai, com folhas de palmeiras. Ela só pode sair para atender as necessidades fisiológicas, porém sempre com a cabeça coberta por um pano e guiada por outra moça. Segundo os Jarawara, se ela olhar para um homem este ficará doente.

A menina permanece em reclusão por vários meses enquanto o pai prepara a grande festa. A casa precisa estar em ordem, ter muita farinha e **iyawa** "grolado" porque todas as comunidades devem ser convidadas e a comida não pode faltar. Nas vésperas da festa, o pai e os outros homens que são parentes próximos, fazem uma grande pescaria com **timbó**. Muitos peixes são coletados. A maior parte destes, depois de limpos e embrulhados numa folha, são assados nos **giraus**. Outra parte é salgada.

A festa, realizada no período da lua cheia, dura, em média, cinco dias e cinco noites (antigamente eram dez a quinze dias, contam eles). O período da noite (geralmente com lua cheia) é o mais importante. Mais ou menos às nove da noite um dos pajés, ao lado de um mastro anteriormente colocado no centro do pátio, começa a cantar e todos se reúnem, pouco a pouco, em volta dele. Uma grande roda é formada, com todos de mãos dadas (ou mãos nos ombros um do outro) cantando junto com o pajé, fazendo coro à música. Em determinados

momentos dão pulos ritmados, bem marcados pelo som das tomozeleiras de conchinhas das mulheres.

No período das vinte e uma horas até seis da manhã, três a quatro pajés cantam com pequenos intervalos entre um e outro. Quando o primeiro pajé começa cantar, a menina sai do **wawasa** “cela” acompanhada por duas damas de honra que a ajudam a se vestir e depois a conduzem ao pátio, permanecendo sempre ao seu lado.

O vestuário, com exceção do short introduzido após o contato, é o mesmo que as meninas vestiam antigamente neste ritual : na frente, da cintura aos joelhos, uma tanga tecida de algodão e tingida com urucum; atrás uma espécie de cauda, feita de folhas de palmeiras, novas e desfiadas para fazer volume; na cabeça, um cesto coberto com pano e enfeitado com penas de arara; nos tomozelos, tomozeleiras de conchinhas. Assim vestida, a menina dança a noite toda. Por volta das seis da manhã, ela vai para o igarapé tomar banho, onde fica com a cabeça descoberta, na presença só de mulheres. Depois volta para sua cela onde permanece durante o dia.

Na casa onde fica a cela (**wawasa**) da menina, as mulheres (sem a participação dos homens) se reúnem várias vezes durante o dia para cantar o **yoiri**. Elas cantam sentadas no chão (como de costume).

No último dia da festa acontece a cerimônia mais importante: o açoitamento da menina. Em 1-10-92, presenciei este acontecimento na aldeia Yemete, na festa de Naria, que passo a descrever.

“Enquanto as moças estavam no igarapé, os homens pintaram os paus que haviam sido colocados no centro do pátio no dia anterior (duas toras de uns quinze centímetros de diâmetro, sem a casca, colocadas uma ao lado da outra, amarradas, sobre um cavalete de mais ou

menos um metro de altura). Então vários pajés voltaram ao centro do pátio e recomeçaram a cantar, esperando a volta da menina e seu cortejo que apareceram muito bem arrumadas, em fila, cada uma com as mãos nos ombros da outra à sua frente, cantando o yoiri (música das mulheres).

Depois as moças do cortejo arrumaram a menina passando as folhas de palmeiras (a cauda) para a frente, entre as pernas dela, amarrando-o próximo à cintura. Um homem foi chamado para colocá-la sobre os paus (coberto com algumas roupas para ficar mais macio), deitada de bruços. As moças ajeitaram-na e a amarraram com enviras nas duas toras sobre a qual ela estava deitada. A atmosfera estava tensa, mas a menina se submetia passivamente.

Ao lado, próximo à casa da menina, o pai dela servia rapé para alguns homens e um rapaz, parente próximo, servia cachaça (copos cheios) para os mesmos homens. Depois este rapaz pegou um feixe de varas finas (devidamente preparadas no dia anterior) e, ao lado da menina, no centro do pátio, começou a chamar alguns homens pelos nomes. Eles vinham com hesitação, depois de várias vezes chamados, e cada um recebia uma vara.

Algumas moças do cortejo ficaram com a menina, algumas segurando-lhe a cabeça, outras os braços e as pernas. A cabeça permanecia coberta pelo cesto.

Então os homens com as varas deram gritos e começaram a açoitar a menina. Alguns velhos batiam de leve, parecendo estar com pena, mas os mais novos batiam com força. A princípio a menina só gemia, depois passou a chorar alto e a gritar, debatendo-se desesperadamente, porém estava muito bem amarrada.

As varas foram trocadas de um homem para outro; quando as costas e pernas da menina estavam cheias de vergões, quase sangrando, os homens pararam e alguns deles a carregaram ainda amarrada sobre os paus, para a casa dela, onde as mulheres a desamarraram e, finalmente, lhe tiraram o cesto da cabeça. Ela continuou na mesma posição sobre os paus, chorando baixinho.

Então uma das damas falou para mim, em português : “Agora vou pagar os homens” (isto é, as mulheres vão revidar). As mulheres prepararam seus **totoka** (bastões de envira bem entrelaçadas, com fogo numa das pontas).

Mais cachaça e rapé foram servidos aos homens que estavam no pátio; eles não podiam recusar. E as mulheres começaram a correr atrás deles com os **totoka** para queimá-los (as mulheres não haviam bebido cachaça nem aspirado rapé); quase todos os homens foram queimados nas costas e na barriga.

Depois homens e mulheres sujaram o rosto um do outro com carvão e lutaram, rolando pelo chão. Nesta hora, alguns assuntos não resolvidos, que não tinham nada a ver com a festa, vieram à tona e houve discussões. Finalmente a festa foi encerrada e todos retornaram às suas comunidades”.

Agora Naria estava pronta para o casamento. Contudo não houve casamento imediatamente. Três anos já se passaram e ela continua solteira, morando com os pais. Mas desde então não é tratada mais como criança; tem responsabilidade de adultos, nas tarefas da casa.

1.3.2.4. A religião

Citarei informações fornecidas pelos colegas que também trabalham com os Jarawara e que têm feito mais pesquisas nesta área. Inicialmente, Alan Vogel:

“Para os Jarawara existem vários tipos de espíritos. Eles às vezes conversam com os espíritos de pessoas mortas, e acreditam que os mortos podem fazer mal aos vivos. As plantas têm espíritos, tanto as do mato como as da roça. Existem outros espíritos do mato que são maus e que podem roubar o espírito de uma pessoa. Neste caso o pajé pode pedir para um espírito de uma planta da roça brigar com o espírito mau, e tomar de volta o espírito da pessoa, e assim, curá-la. A pessoa que tem o seu espírito roubado fica “doida”, isto é, com comportamento estranho”.

Informações de Francisca Irving:

“A função do pajé geralmente passa de pai para filho; a idade ideal para um garoto se tornar um pajé é mais ou menos onze anos de idade. Para o garoto se tornar pajé ele passa por um período de cinco meses de preparação, em jejum. Contudo, lhe é permitido comer uma quantidade de **iyawa** ‘grolado’ bem pequena, que ele pega não com uma colher, mas com uma pequena flecha; depois do terceiro dia também lhe é permitido beber um pouco de água e comer um pouco de banana verde.

O garoto que vai se tornar pajé recebe o **arabani** de seu pai que é pajé. Segundo os Jarawara, o **arabani** é uma pedra mágica que fica em algum lugar do corpo debaixo da pele de quem recebe. Quem tem o **arabani** fica sabendo de todas as coisas e não tem medo”.

Os Jarawara nos tem dito que os jovens não querem mais se tornar pajé porque rejeitam a privação de alimentos e contato com mulheres exigida no período de formação. Mas, atualmente, cada comunidade tem um ou mais pajés, todos idosos, que continuam praticando a religião de seus antepassados. Em algumas noites sem lua invocam os espíritos; e realizam rituais de cura em que chupam ou assopram o corpo do doente usando, às vezes, a pedrinha mágica, o **arabani**.

NOTA:

1. Os trabalhos já elaborados são os seguintes: "Cuxiuara, o Purus dos indígenas", escrito por Gunter Kroemer (1985), um ensaio etno-histórico e etnográfico sobre os povos indígenas do médio Purus; "Classificação das Plantas" na taxionomia Jarawara, obra de Alan Vogel (1984), em edição experimental; "Análise Fonológica Preliminar da Língua Jarúára", por Alan e Lucilia Vogel (1988); "Nosso Livro" (E ka yama hani amake), cartilha de alfabetização, por Sandra Giani Estrada e Elizabeth Vencio, com edição experimental em 1988 e a primeira edição em 1990; "Dicionário Jarúára-Português", por Alan Vogel (1994), em edição experimental; "Histórias Bíblicas", por Alan Vogel (1994), em edição experimental; "The Structure of the Verb in Jarawara (Arawa Family)" por Robert Dixon e Alan Vogel (1994). Há, também, trabalhos em elaboração: "Dicionário Jarawara-Português", por David e Francisca Irving; "Gramática Jarawara", por Alan Vogel e Robert Dixon.

2- OS JARAWARA E A ESCRITA

2.1- O contato com a escrita

2.2- A experiência Jarawara

2.2.1- A solicitação da escola

2.2.2- Os trabalhos preliminares

2.2.3- A organização das classes

2.2.3.1- Os alunos

2.2.3.2- O local das aulas

2.2.3.3- O horário das aulas

2.2.4- Os primeiros escritores

2.2.5- O controle Jarawara sobre o letramento

2.2.5.1- Os primeiros professores

2.2.5.2- O surgimento das cartas

2.2.5.3- A carta e a expansão do letramento

2.2.5.4- As modificações feitas pelos Jarawara

2.2.5.4.1- O sistema "Cada um ensina um"

2.2.5.4.2- O horário e o ambiente das aulas

2.2.5.4.3- O material didático

2- OS JARAWARA E A ESCRITA

A escrita tem sido campo de pesquisa para muitos estudiosos e muito se tem falado do seu poder sobre as pessoas. Recentemente, entretanto, um novo aspecto da escrita passou a ser estudado por alguns pesquisadores, entre eles Brian Street (1993), Niko Besnier (1989) e Kulick e Stroud (1990). Eles estão pesquisando sobre este tema: as pessoas podem agir sobre a escrita? Ou seja, as pessoas podem ser agentes/sujeitos frente à escrita? Para dar uma resposta a esta pergunta estes pesquisadores estão analisando pequenas sociedades isoladas (em várias partes do mundo) que receberam o letramento há pouco tempo. Eles observaram que estas sociedades têm tido controle, domínio sobre a escrita, usando-a para seus próprios interesses, dando à escrita funções diferentes das funções que outras sociedades têm dado.

A experiência Jarawara com a escrita tem semelhanças com as experiências daquelas sociedades estudadas por aquele grupo de pesquisadores. Os Jarawara constituem uma pequena sociedade, relativamente isolada e que começou a ser alfabetizada em 1989. Com apenas quatro anos de uso da escrita, a sociedade Jarawara, uma sociedade de tradição oral, apropriou-se dela, controlando o processo de sua aquisição e dando-lhe funções de acordo com os interesses Jarawara.

A história do letramento Jarawara foi assim escrita por um rapaz Jarawara, Bibiri, de Casa Nova (que escreveu o texto seguinte atendendo meu pedido para que explicasse sua opinião sobre a carta):

“ Irmã mais velha Beth, eu gosto de você. Estou escrevendo uma carta para você. Antigamente nós todos não sabíamos a escrita. Em Casa Nova não tinha escrita. Em Água Branca não tinha escrita. Em São Francisco não tinha escrita. Não vinha carta de Água Branca para Casa Nova. Não ia carta de Casa Nova para Água Branca. Não ia carta de São Francisco para Casa Nova. Nossas localidades todas não tinham escrita. Não se mandava carta para nossos parentes. Beth e Sandra, vocês duas, ainda não tinham vindo. Alan e Lucília, os dois, ainda não tinham vindo nós não sabíamos escrever. Nós não sabíamos mandar carta para nossos parentes nas localidades deles. Então Sandra, vocês duas, vieram. Alan e Lucília, eles dois vieram. Ensinarão nossos parentes e agora eles sabem escrever. Eles nos ensinaram e agora parece que nós sabemos escrever. Todos nós sabemos escrever agora. Não se pára de mandar carta de Casa Nova para Água Branca. Muitas cartas de Água Branca vão também para Casa Nova. Agora todos eles gostam um do outro nas cartas.”

2.1- O contato com a escrita

“ Antigamente nós todos não sabíamos a escrita...”

Provavelmente o contato dos Jarawara com a escrita deve ter ocorrido ao mesmo tempo em que tiveram contato com nossa sociedade. Este contato, porém, tornou-se mais acentuado quando desenvolveram o relacionamento comercial com os patrões, os seringalistas e comerciantes da região, que anotam as operações comerciais,

registrando principalmente as dívidas da população local (ribeirinhos e povos indígenas).

Nestas visitas comerciais aos seringais do rio Purus, os Jarawara freqüentavam os barracões dos “patrões” e as casas dos ribeirinhos, onde viram páginas de revistas coladas nas paredes. Eles também viram escolas em funcionamento, tanto em casas de ribeirinhos como em prédio próprio, construídas pela Prefeitura de Lábrea. Além disso, visitam a cidade de Lábrea e lá têm ainda mais contato com a escrita através dos letreiros das lojas, cartazes e placas indicando lugares.

Quando, pela primeira vez, chegamos em Água Branca (1986), vimos uma placa pendurada em uma vara erguida no centro da aldeia, com várias letras escritas. Eram letras maiúsculas, algumas de cabeça para baixo, outras ao contrário e ainda alguns riscos imitando letras. A placa tinha sido feita por um dos rapazes e estava representando o nome do lugar, Fasawa (Água Branca).

Além destes contatos, havia também em Água Branca uma mulher jovem, por nome Bonita que, quando criança, fora adotada por missionários e que aprendera a ler e escrever na língua dos pais adotivos : inglês.

Portanto, embora o povo Jarawara mantivesse a tradição oral em sua sociedade já estavam em contato com a escrita muito antes de aprenderem a ler e escrever.

2.2. A experiência Jarawara

“...Em Casa Nova não tinha escrita. Em Água Branca não tinha escrita. Em São Francisco não tinha escrita. Nossas localidades todas não tinham escrita. Não se mandava cartas para nossos parentes. Beth e Sandra, vocês duas, ainda não tinham vindo. Alan e Lucília, os dois ainda não tinham vindo. Nós não sabíamos escrever. Nós não sabíamos mandar carta para nossos parentes nas localidades deles.”

2.2.1. A solicitação da escola

Nas visitas aos seringais vizinhos o povo Jarawara observou de perto o funcionamento das escolas e o valor que a população local lhes dava. Desta observação lhes veio o desejo de também terem uma escola. Makabi, o chefe de Água Branca, pediu para a única Jarawara que sabia ler e escrever, Bonita, que ensinasse aos outros mas, não se sentindo segura para executar a tarefa, ela não iniciou a escola. Por isso, pouco depois, quando nossa equipe chegou, foi muito bem recebida para realizar o desejo deles de terem uma escola.

Em geral os povos indígenas que estão em contato com nossa sociedade querem escolas. O objetivo principal deles em ter escolas é aprender português e fazer contas para não serem enganados pelos comerciantes nas transações comerciais; outro objetivo é vencer a discriminação que sofrem por serem considerados seres inferiores, incapazes. Ou seja, a razão para quererem escolas é o relacionamento com a sociedade envolvente que os oprime. Conforme escreveu MELIÁ (1979) :

“ Não somente índios já alfabetizados, mas também comunidades que não sofreram ainda a alfabetização, desejam veementemente alfabetizarem-se. As razões aduzidas para essa exigência são às vezes bastante complexas, entrando nelas interesses que nada têm a ver com a alfabetização mesma: desejo de ter uma professora de fora, uma construção escolar, aproveitamento das vantagens políticas regionais, dar satisfação à sociedade envolvente.”

“ ...a sociedade indígena, se não está demasiadamente deturpada, quereria usar a alfabetização como simples técnica suplementar, tirada do branco, mas para resolver os problemas trazidos pelo contato.”

2.2.2. Os trabalhos preliminares

Como a língua Jarawara pertence a uma sociedade de tradição oral, o letramento foi precedido por estudos fonéticos e fonológicos para se determinar que símbolos seriam usados para representar os fonemas Jarawara e elaborar o material didático inicial ^(*)

2.2.3. A organização das classes

A introdução da escrita entre os Jarawara procurou seguir o sistema “Cada um ensina um” (Each one teach one) do educador Frank Laubach que realizou movimentos de alfabetização em vários países do mundo a partir de 1930. Através deste sistema cada recém-

(*) Os símbolos da escrita foram determinados pelo lingüista Alan Vogel (Sociedade Internacional de Lingüística). Estes símbolos, baseados no princípio de um símbolo para cada fonema, são retirados das letras do alfabeto latino usadas na língua Portuguesa e na língua Jamamadi, do povo Jamamadi, vizinhos dos Jarawara. O material didático inicial foi elaborado por nossa equipe, Sandra Giani Estrada e Elizabeth Vencio (Jovens Com Uma Missão) segundo o método Laubach (alfabetização pela imagem e ensino individual) e outras instruções recebidas no curso da Associação Lingüística Evangélica Missionária.

alfabetizado é incentivado a ensinar outra pessoa. Este sistema foi escolhido por nossa equipe para que os Jarawara pudessem ter autonomia no letramento, e não ficassem dependentes de professores de fora ou de professores remunerados (da própria comunidade ou não) o que poderia causar interferência na estrutura social da comunidade. Além disso os recursos externos poderiam faltar e as aulas seriam interrompidas. Se os Jarawara adotassem o sistema “Cada um ensina um” o letramento ficaria sob o controle deles, sem dependência externa. Assim, nosso plano era alfabetizar apenas um pequeno número de pessoas para iniciar o processo, passando imediatamente para eles a responsabilidade da alfabetização da comunidade. A organização das classes foi feita em conjunto com eles, consultando os líderes sobre quem deveria aprender primeiro, em que local e em que horário.

2.2.3.1- Os alunos

“ Então Sandra, vocês duas, vieram. Alan e Lucília, eles dois vieram. Ensinaram nossos parentes e agora eles sabem escrever. ”

As aulas iniciais foram realizadas por nossa equipe, em Água Branca nos anos de 1989-90, com a formação de dois grupos de alunos:

- Inohowe, Hiyayane e Tomás (rapazes)
- Isenibiri (mulher adulta), Nafire e Atihiwawawi (rapazes)

Dois destes seis alunos, Atihiwawawi e Tomás, eram das localidades Santana e São Francisco, respectivamente. Eles costumavam passar temporadas em Água Branca, onde tinham parentes próximos, e foram convidados por nós para estudar. Os outros quatro alunos eram de

Água Branca e foram nomeados pelos líderes locais. Nossa única exigência aos líderes foi que os alunos não poderiam ser crianças porque teriam que assumir logo a responsabilidade de ensinar os outros membros da comunidade.

Em Água Branca todos os adultos mais jovens, adultos mais velhos e os velhos (quatorze pessoas) queriam que os ensinássemos, mas nós limitamos o número de quatro alunos para Água Branca para usar o sistema "Cada um ensina um". Para viabilizar este sistema, procuramos relacionar a tarefa de alfabetizar com a responsabilidade familiar, alfabetizando nossos irmãos ou primos paralelos, usando o sistema de parentesco em que os Jarawara nos adotaram^(*). Se os Jarawara adotassem a alfabetização como responsabilidade familiar, certamente os pais alfabetizariam seus filhos, adicionando o letramento na educação que davam a eles.

Usando este sistema seria possível, também, estender o letramento a todas às comunidades Jarawara. Por isso havíamos convidado Atihwawawi (de Santana) e Tomás (de São Francisco) para estudarem em Água Branca e depois alfabetizarem outras pessoas em suas comunidades.

(Pouco tempo depois Santana foi extinta, tendo seus habitantes mudado para Água Branca e São Francisco; Atihwawawi e sua família foram para Água Branca.)

^(*) O fato de estarmos morando com eles e procurando nos identificar com o grupo, fez com que eles nos inserissem no sistema de parentesco para melhor definir nosso papel na comunidade.

2.2.3.2- O local das aulas

As aulas foram realizadas em nossa própria casa, com uma classe na sala e outra na cozinha. Estes dois ambientes da casa eram normalmente freqüentados pelos Jarawara nas suas visitas diárias. Foram utilizados bancos e mesas que os Jarawara mesmos haviam feito, alguns especificamente para as aulas e outros para nosso uso.

2.2.3.3- O calendário

O calendário utilizado para as aulas não procurou seguir o calendário escolar nacional e nem foi pré-fixado; foi de acordo com a disponibilidade dos professores e alunos. Em Água Branca, em 1989, houve aulas de abril a junho (dois meses e meio) e em outubro (um mês). O total de meses de aulas para esta primeira turma foi, portanto, de aproximadamente sete meses. Houve mais aulas no primeiro semestre do que no segundo porque os estudantes tinham mais trabalho no segundo semestre, época quase sem chuvas (denominada verão, na região norte), em que colhiam o látex da seringueira e também precisavam andar mais para pescar. No primeiro semestre, época de muita chuva (denominada inverno) tinham menos trabalho e dispunham de mais tempo para estudar.

Os dias de aulas oferecidos a eles foram de segunda a sexta feira. Contudo, mesmo no primeiro semestre, faziam trabalhos que os impediam de comparecer às aulas todos os cinco dias da semana. Por esta razão e também porque queriam aprender o mais rápido possível, muitas vezes pediam aulas aos sábados e os atendíamos. Este tipo de calendário flexível, sem datas pré fixadas, adaptado à disponibilidade

dos alunos e professores resultou em um curso de estilo intensivo ou semi-intensivo e com longos intervalos entre um período e outro de aulas. Isto não estava em nossos propósitos mas, ao final de dois anos de experiência observamos que não foram prejudiciais à aprendizagem.

2.2.3.4- O horário das aulas

O horário das aulas foi decidido pelos alunos: no período da manhã, iniciava entre 7:30 a 8:00 horas, com a duração de uma hora e meia a duas, sendo que os alunos tinham a liberdade para parar ou fazer intervalos quando quisessem.

No ano de 1989 as aulas de matemática, que dávamos antes de começar a alfabetização, foram suspensas porque achamos que alfabetização e matemática, juntas, poderiam cansá-los. Mas no ano seguinte, 1990, recomeçamos as aulas de matemática, ficando a manhã dividida em dois períodos: no primeiro, com a duração de uma hora e meia, geralmente, dávamos aula de leitura e escrita, no segundo, com a duração de uma hora, mais ou menos, dávamos aula de matemática. Para nossa surpresa, mesmo quando ficavam cansados, não queriam parar de estudar. Decidimos então fazer um intervalo obrigatório entre os dois períodos, principalmente porque nós duas precisávamos de descansar. Ao final dos dois períodos de aulas, às vezes, alguns alunos continuavam estudando sozinhos. Apenas a única moça do grupo não estava aprendendo bem e parecia desinteressada.

Com a extensão do período da aula em 1990 a manhã ficou totalmente ocupada. Nesta ocasião houve uma colaboração dos que não estavam

estudando, principalmente os da própria casa, cumprindo as obrigações dos estudantes para que eles pudessem assistir a mais aulas. Isto foi possível porque tivemos mais aulas no inverno, quando havia menos trabalho. No verão, época de muito trabalho, foi dado apenas um mês de aulas para não sobrecarregar a família dos estudantes e os demais homens da aldeia.

2.2.4- Os primeiros escritores

Assim que os primeiros alunos aprenderam a ler e escrever começaram, a pedido nosso, a escrever textos para montarmos livros. Os objetivos eram que praticassem a escrita e preparassem material de leitura que fosse ao mesmo tempo um registro do etnoconhecimento (história, ciência, etc.), procurando atender ao roteiro do currículo nacional para as séries iniciais, porém dentro do contexto e cultura Jarawara . Nós decidimos não usar textos transcritos (falados por eles e gravados) porque pensamos que seria mais proveitoso aos alunos praticarem a escrita também e não só a leitura. Eles estavam sendo preparados para escrever e ler a escrita acadêmica, objetiva e não emocional (Besnier, 1989) que é uma característica da escola ocidental (Gnerre, 1991). Estávamos, na verdade, atendendo a solicitação deles por uma “escola de branco” mas, tentando ao mesmo tempo, que eles criassem a “escola Jarawara”, embora não soubéssemos o caminho certo.

Atilhiwawawi foi o primeiro a escrever um texto. Ele o escreveu sozinho, no período de intervalo das aulas entre 1989 e 1990. O texto foi sobre a guerra dos Juma com os Jarawara acontecida em passado distante. Continha alguns erros, tais como a troca de consoantes e algumas palavras incompletas. A separação de palavras foi feita

irregularmente como era de se esperar de quem está aprendendo a escrever e mais ainda em uma sociedade de tradição oral onde não há a prática em isolar as palavras.

Em 1990 (abril a junho), demos inicialmente algumas aulas de revisão para corrigir falhas do material didático experimental e depois passamos a assessorar os alunos na escrita de textos sobre temas diversos: os animais da selva, as atividades diárias dos Jarawara e os seus alimentos. Enquanto escreviam os textos, receberam orientação sobre como usar o ponto e a vírgula. Os textos foram escritos individualmente mas, como os escritores estavam na mesma sala, consultavam-se uns aos outros quando tinham dúvidas. Depois que os textos eram escritos e corrigidos pelo autor, pedíamos que fossem lidos e corrigidos por outro escritor. Geralmente havia poucos erros porque eles escreviam com muita atenção, caprichando em tudo. Neste período os rapazes Jarawara de Água Branca prepararam textos para dois livros que foram ilustrados (com desenhos) por uma desenhista profissional em Porto Velho, onde os livros foram organizados e impressos.

Em outubro do mesmo ano, os livros foram entregues aos escritores que os receberam com contentamento mas não demonstraram interesse em lê-los. Observamos que os estudantes estavam escrevendo muito bem, embora devagar, mas não tinham fluência na leitura. Isto nos preocupou porque pensamos que sem fluência não conseguiriam entender o conteúdo do texto. Por isso resolvemos ajudá-los aproveitando a hora em que se reuniam em casa, à noite (para “bate-papo” informal), para “brincar” de leitura, usando os livros que eles haviam escrito. A brincadeira os ajudou a melhorar na fluência mas não despertou neles o interesse de continuar praticando a leitura

dos livros que haviam escrito. Estavam muito mais interessados em escrever do que ler.

O fato é que estes primeiros alunos não só rejeitaram a leitura do que já sabiam mas também não aceitaram a prática de leitura repetitiva (a não ser como brincadeira). Na ocasião não percebemos que estávamos usando uma prática comum de nossas escolas (leitura repetida para ajudar na fluência) que era incompatível com a estrutura da “escola” Jarawara.

Estes primeiros alunos eram AUTORES não só de textos mas também da própria escrita, porque tiveram que fazer decisões sobre a grafia e separação de palavras. Praticamente o que lhes foi dado foram os símbolos para os fonemas; na aplicação surgiram problemas que eles tiveram que resolver. O lingüista Alan Vogel ajudou mas ele não tinha todas as respostas (e também estava no início de sua análise).

A escrita estava, portanto, submissa a estes escritores.

A maneira como os Jarawara adquiriram a escrita os ajudou a desenvolverem um conceito sobre a escrita diferente do conceito que a nossa sociedade tem. Ou seja, em nossa sociedade o comum é ler ou estudar os livros, não escrevê-los; os estudantes são mais pacientes do que agentes.

2.2.5- O controle Jarawara sobre o letramento

2.2.5.1- Os primeiros professores

“(Vocês) ensinaram nossos parentes e agora eles sabem escrever. Eles nos ensinaram e agora parece que nós sabemos escrever. Todos nós sabemos escrever agora.”

O primeiro professor Jarawara foi Tomás, o rapaz que veio de São Francisco para estudar em Água Branca. Ele foi alfabetizado por Sandra em maio de 1990, mas já havia recebido algumas aulas de Bonita, sua irmã. Tomás aprendeu as dezoito lições do primeiro livro de leitura em aproximadamente quatro semanas. Em seguida, no mês de junho, sob a orientação de Sandra, em Água Branca, ele alfabetizou seu cunhado Inofama, que aprendeu o primeiro livro em um mês. Tomás, portanto, foi quem iniciou o “Cada um ensina um” entre os Jarawara.

Em outubro do mesmo ano Tomás ajudou na preparação dos alfabetizados de Água Branca para que pudessem ensinar a outras pessoas. Assim, nas duas semanas finais de outubro, com nossa assessoria, cinco novas classes foram formadas em Água Branca tendo como professores:

Atihiwawawi, Hiyayane, Nafire, Bonita e Tomás (ensinando um amigo de São Francisco que estava em Água Branca, depois os dois voltaram para São Francisco e continuaram as aulas lá).

Estas primeiras classes tiveram, entretanto, pouca duração, com exceção da classe de Tomás. Os professores e os alunos ficaram desanimados e pararam as aulas. Em abril do ano seguinte, quando voltamos, algumas pessoas em Água Branca nos pediram que as ensinássemos porque os rapazes alfabetizados não estavam dispostos a ensiná-las. Contudo nós nos recusamos a atendê-las porque esperávamos que o sistema “Cada um ensina um” ainda viesse a funcionar, e por isso continuamos a incentivar os alfabetizados para que ensinassem.

Entretanto três dos rapazes alfabetizados de Água Branca atenderam, com prazer, nosso convite para elaborar um novo livro durante três

semanas, em Porto Velho. Neste terceiro livro os temas foram os seguintes:

- suas impressões sobre a viagem de avião que fizeram de Água Branca para Porto Velho e sobre a cidade de Porto Velho.
- trabalhos diversos, que eles faziam, tais como a extração do óleo de copaíba, do leite de sorva etc.
- histórias antigas

O processo usado para a elaboração deste terceiro livro foi, inicialmente, igual ao dos outros mas acrescido do seguinte: os textos foram passados a limpo por eles, com caneta preta, em letra de forma, e o próprio autor fez o desenho para ilustrar o texto. Assim aprenderam uma maneira de fazer seus próprios livros sem depender de ajuda externa (a não ser que quisessem fazer várias cópias usando uma copiadora).

Enquanto as aulas estavam paradas no terceiro ano do letramento em Água Branca e São Francisco (embora Tomás continuasse dando alguma ajuda ao Milton), em Casa Nova as aulas estavam começando (1991). Lucília Vogel ensinou aos rapazes Jacinto, Milton e Kakai, em sua casa, no horário das 8:00 às 9:00 horas, mais ou menos, de segunda à sexta-feira. Ela deu um mês e meio de aulas, nos meses de maio e junho de 1991, ensinando as dezoito lições básicas do primeiro livro de leitura. Depois disto, os seus alunos leram, espontaneamente, os outros livros de leitura elaborados em Água Branca. Eles se reuniam em qualquer dia e hora, inclusive aos sábados e domingos, e liam juntos, em voz alta, conforme o relato de Lucília. Após a aprendizagem da leitura e escrita, os três alunos de Lucília passaram a

ensinar os outros rapazes da aldeia imediatamente e só fizeram uma pausa quando todos os interessados haviam aprendido.

2.2.5.2- O surgimento das cartas

“... Antigamente nós todos não sabíamos a escrita (...)”

Não vinha carta de Água Branca para Casa Nova. Não ia carta de Casa Nova para Água Branca.

Não ia carta de São Francisco para Casa Nova. Nossas localidades todas não tinham carta. Não se mandava carta para nossos parentes.

“(...) Todos nós sabemos escrever agora. Não se pára de mandar carta de Casa Nova para Água Branca. Muitas cartas de Água Branca vão para Casa Nova”.

Os Jarawara escreveram suas primeiras cartas no início de 1991. Isto ocorreu quando um grupo de homens de Água Branca e São Francisco foi trabalhar em um local afastado (denominado “centro”, pelos ribeirinhos) onde há maior quantidade de copaibeiras e castanheiras. A cada semana um dos rapazes saía do “centro” para visitar sua família na aldeia e, além das notícias faladas, começaram a trazer cartas dos que haviam ficado, para as famílias deles. Bonita, a única alfabetizada que ficou em Água Branca, também escrevia cartas para seu irmão Tomás, que estava no “centro”.

Depois que os rapazes voltaram para Água Branca, no final de maio, as cartas cessaram. Mas no ano seguinte (não se tem data precisa), depois que vários rapazes de Casa Nova aprenderam a ler e escrever, as cartas ressurgiram, inicialmente entre os rapazes de Água Branca e Casa Nova, incluindo São Francisco posteriormente.

É importante observar que nunca pedimos aos alunos que escrevessem cartas. Mas, antes destes acontecimentos eles tiveram contato com cartas das seguintes maneiras:

- viram trocas de cartas entre os ribeirinhos do Purus a quem visitavam para fazer transações comerciais e participar de festas.

- levavam cartas nossas para os ribeirinhos e traziam deles para nós, o que ocorria também entre nós e o casal Alan e Lucilia, de Casa Nova.

- participavam de nossas alegrias (às vezes tristezas) quando recebíamos cartas de nossos parentes e amigos, trazidas de Porto Velho (eles sempre queriam saber o que estava sendo dito nas cartas).

Observe-se que os estudantes de Água Branca receberam bastante preparo e incentivo para escrever livros de etnoconhecimento e nenhum preparo ou incentivo para escrever cartas.

Sob a coordenação dos colegas David e Francisca, dois novos livros foram escritos e ilustrados pelo pessoal de Água Branca com a participação de algumas pessoas de São Francisco, sendo um livro sobre histórias antigas e outro sobre artesanatos (antigos e atuais) do povo Jarawara.

Porém, espontaneamente, sem incentivo externo (de nossas equipes) os Jarawara ainda não realizaram esta tarefa. Além disso não temos conhecimento de que os livros estejam sendo lidos pelos escritores ou pelos outros alfabetizados.

O fato é que pela própria iniciativa os primeiros alunos começaram a escrever cartas e, muito rapidamente todos os alfabetizados aderiram a esta aplicação da escrita.

2.2.5.3- A carta e a expansão do letramento

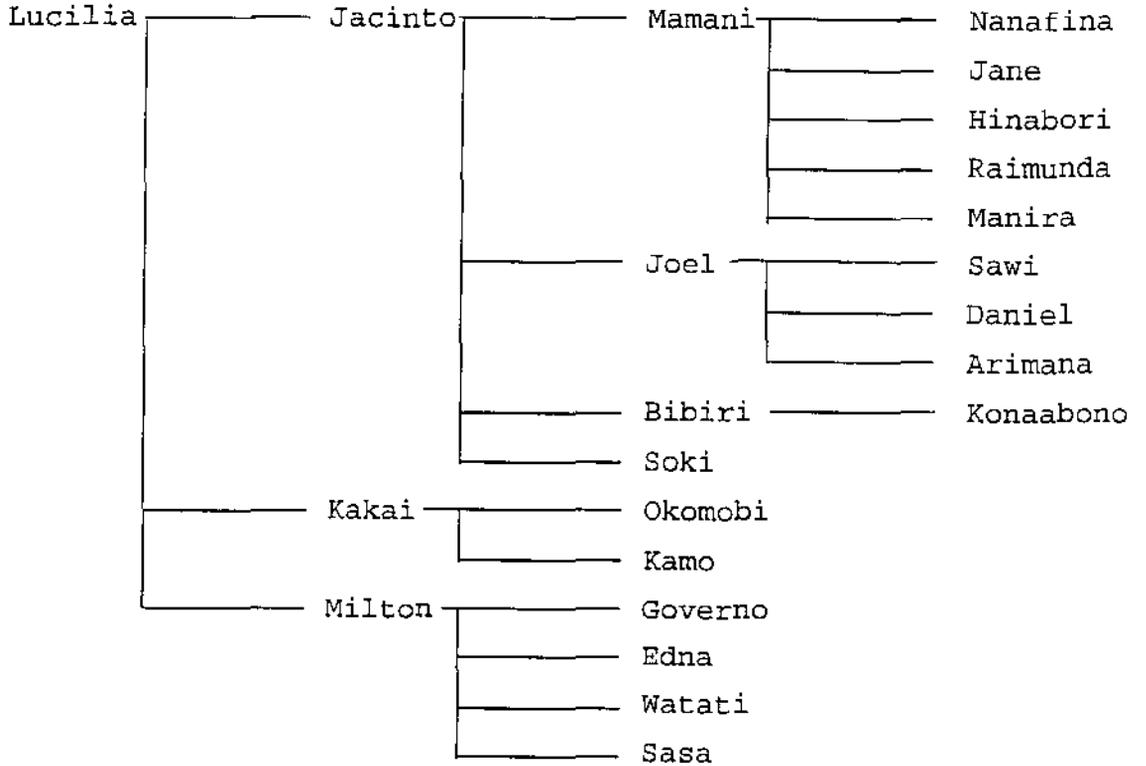
O ressurgimento das cartas em 1992 produziu um efeito novo: despertou o interesse das moças e das mulheres em geral, pela escrita. Este fato começou a ocorrer primeiramente em Casa Nova e depois em Água Branca e São Francisco, quando algumas moças resolveram aprender a ler e escrever: Mamani, em Casa Nova, procurou seu irmão Jacinto para ensiná-la; Maroka, em Água Branca, procurou sua cunhada Bonita; Areri, também em Água Branca, procurou várias pessoas para ensiná-la : seu irmão Atihwawawi, Bonita e Francisca (missionária recém chegada); Nemeainari, de São Francisco, que veio até Água Branca para estudar; e outras.

“Não se pára de mandar carta...”

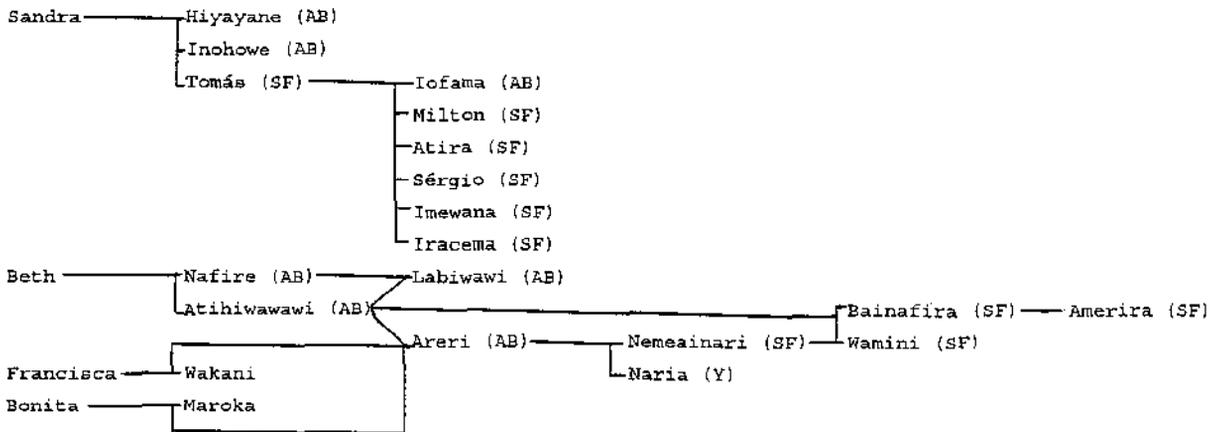
Depois que elas aprenderam aumentou o número de cartas entre as três aldeias. O aumento das cartas fez com que mais pessoas ficassem interessadas em aprender a ler e escrever tanto homens como mulheres, nas três localidades onde já havia alfabetizados. Em 1994 o letramento chegou no Yemete, outra comunidade Jarawara, através de Naria que aprendeu a ler em Água Branca, quando sua família passou uma temporada lá por motivo de tratamento de saúde.

Conforme pesquisa em 1994 a expansão do letramento, através do sistema "cada um ensina um" estava assim:

Em Casa Nova



Em Água Branca, São Francisco e Yemete



Em 1995 o letramento se estabeleceu na localidade Yemete com Naria ensinando as outras duas moças de lá . Neste mesmo ano, o letramento alcançou mais uma localidade: Mangueira, a menor de todas as localidades Jarawara (com apenas cinco pessoas), através de Rita, que ainda está aprendendo. Ela tem parentes próximos em Água Branca e sempre os visita, ficando alguns dias. Agora ela está aproveitando estas visitas para aprender com Maroka e Areri. Voltando para sua casa ela repassa para sua irmã o que já aprendeu.

Conforme pesquisa em setembro de 1995, o número de alfabetizados era de quarenta e seis pessoas (de um total de cento e cinqüenta e três), das quais somente dez foram alfabetizadas pelas professoras de fora.

Além disso, mais trinta e três Jarawara estavam estudando, elevando para setenta e nove o número de Jarawara dominando ou no processo de domínio do letramento, o que representa 51,5% do total da população, como se vê no quadro abaixo:

	Faixa etária e sexo								População total	
	Crianças		Adultos mais jovens		Adultos mais velhos		Velhos			Porcentagem
	M	F	M	F	M	F	M	F		
População	19	19	28	36	11	7	20	13	153	100%
Estudando	6	3	4	11	2	3	3	1	33	21,5%
Aalfabetizados			22	23		1			46	30%
Sub total	6	3	26	34	2	4	3	1		
Total	9		60		6		4		79	51,5%

Por este quadro pode-se perceber também que há uma faixa etária predominando no letramento: os adultos mais jovens, com idade entre treze (13) a aproximadamente quarenta (40) anos. A população total desta faixa etária é de sessenta e quatro (64) pessoas, das quais somente (4) estão fora do letramento. Portanto, 93% dos adultos jovens já optaram pelo letramento, apropriaram-se dele, sem distinção de sexo: as mulheres que, no início do programa estavam fora (até consideradas, pelos rapazes, incapazes de aprender) estão agora com leve vantagem sobre os homens (pois há duas mulheres alfabetizadas a mais que os homens).

2.2.5.4- As modificações feitas pelos Jarawara

2..2.5.4.1- O sistema “Cada um ensina um”

Os Jarawara deram ao “Cada um ensina um” algumas características diferentes do que viram quando o aplicamos:

- Não se limitaram a ensinar só seus irmãos ou irmãs; ensinaram também amigos : Areri ensinou Nemeainari, Atihiwawawi ensinou Bainafira (do sexo oposto e ambos solteiros).
- Quando ensinamos, partiu de nós a iniciativa de procurar o aluno; com eles, depois que o sistema recomeçou em 1992, após o tempo de pausa, foi o aluno que procurou o professor: Nemeainari foi para Água Branca para aprender com Areri.
- Outra diferença foi que o aprendiz não se limitou a apenas um professor : se um não queria ou não podia ensinar, procurava outro. Areri teve três professores : Bonita, Atihiwawawi e Francisca.

2.2.5.4.2- O horário e o ambiente das aulas

Quando os Jarawara assumiram o controle do letramento o horário das aulas foi modificado. Qualquer dia e hora que aluno e professor queriam (e podiam, por causa de suas obrigações) havia aulas. Não houve mais um período fixo, de manhã, como tivemos quando os ensinamos (horário que eles mesmos haviam escolhido). O ambiente da aula também foi modificado : quando ensinamos, embora as aulas fossem em nossa casa e nosso relacionamento com os alunos fosse bem pessoal e informal, não permitíamos movimentos e barulhos alheios às aulas, tais como rádio ligado, crianças brincando, "bate-papo". Sob a direção deles, as aulas passaram a ser realizadas dentro do contexto normal da casa, inclusive no meio das reuniões habituais, como parte da conversa.



2.2.5.4.3- O material didático

Em nossas aulas usamos uma cartilha e um caderno especial de exercícios, sempre os dois juntos em todas as aulas. Quando eles ensinaram, alguns ensinaram desta forma mas outros usaram o material de maneiras diferentes :

- o caderno especial de exercícios, sem a cartilha, mais um caderno comum (Kamo estudando com Kakai, Casa Nova).
- a cartilha, sem o caderno especial de exercícios, mais caderno comum (Hinabori estudando com Mamani, Casa Nova)
- caderno comum, sem a cartilha e sem o caderno especial de exercícios (Mamani estudando com Jacinto, Casa Nova; os alunos de Tomás, São Francisco). Tomás explicou que não usou o material pré elaborado porque não o tinha à mão quando as pessoas o procuravam para ensiná-las. Isto aconteceu não só com o material que havíamos elaborado mas também com os livros escritos pelos próprios Jarawara.

Entretanto, um novo material didático foi criado pelos Jarawara: a **carta**. Descobri isto numa visita inesperada que fiz a uma das casas, à tarde, para participar do “bate-papo” das mulheres. Observei que o rapaz que estava sentado na rede, ao lado do círculo das mulheres, estava escrevendo. De vez em quando ele fazia perguntas à sua prima paralela, Areri, que o atendia e depois continuava sua conversa normal com as outras mulheres. Fui informada, então, que ela já havia ensinado a ele as 18 lições básicas usando só o caderno de exercícios, sem a cartilha, e que agora ele estava tentando escrever uma carta, ainda com dificuldades. Várias vezes perguntou a Areri como se escrevia esta ou aquela letra e, com o dedo, ela fazia o

formato da letra no assoalho. Ele observava e escrevia em seu caderno, continuando a carta, como mostram as seguintes fotos:



Como o objetivo deles com a escrita é escrever cartas, julgaram mais prático aprender a escrever, escrevendo cartas; e, depois que se aprende a ler e escrever, a carta continua sendo o material tanto de escrita como de leitura, conforme se pode observar nesta carta:

Okó yama haniba rawi tikiyahi owahabana

'Escreva carta para mim, para eu ler!'

Yama hani owatoni onofara ama oke

'Eu não sei (ler) carta mais não!'

Sem dúvida, o livro de etnoconhecimento foi trocado pela carta que se tomou o livro didático do letramento Jarawara: um livro não acabado, em constante elaboração, personalizado, de plena significação para o escritor e para o leitor. Agora, não há só um grupo de escritores mas a sociedade como um todo é AUTORA. Todo Jarawara alfabetizado escreve carta, ou seja, todo alfabetizado é ESCRITOR, autor de livro didático.

Refletindo sobre a clara preferência Jarawara pela carta como livro didático, pode-se concluir que os textos de etnoconhecimentos têm características que não agradaram a sociedade Jarawara. Embora eles os escrevam muito bem, só o fazem quando pedimos. Não há a espontaneidade que existe para escrever carta. Uma das razões desta rejeição aos textos de etnoconhecimentos pode ser a impessoalidade

destes textos, que contrasta com a natureza das cartas, sempre escritas por uma pessoa a um destinatário concreto.

A carta assumiu tanto significado no letramento que as palavras anteriormente usadas para traduzir escrita em Jarawara, *yama hani* (literalmente 'coisa desenhada'), passou a ter, por excelência, o significado de CARTA, ficando escrita de modo geral, como significado secundário.

Oko yama hani amake haro tiwahanonene.

'Esta é minha carta para você ler.'

Para diferenciar o outro estilo de escrita, anterior à carta, que são os textos para livros, uma moça de Água Branca escreveu:

Isitoriya owato okere mata

'História eu não sei (escrever) ainda.'

Assim a carta se tornou o meio, o fim, o próprio letramento.

"... Antigamente nós todos não sabíamos a escrita. (...)

Não vinha carta (...) Não ia carta (...) Não se mandava carta para nossos parentes. (...) Nós não sabíamos escrever. Nós não sabíamos mandar carta para nossos parentes nas localidades deles.

(...) Todos nós sabemos escrever agora. Não se pára de mandar carta de Casa Nova para Água Branca. "Muitas cartas de Água Branca vão para Casa Nova".

Concluindo, os Jarawara alcançaram uma autonomia no letramento que foi além de nossas expectativas: adaptaram o sistema “Cada um ensina um”, libertaram-se do horário fixo e o ambiente controlado das aulas, criaram seu próprio livro didático e mudaram a função que lhes foi dada para a escrita, isto é, de função escolar (“escola de branco”) para a da comunicação à distância (de uma localidade para outra ou dentro da própria localidade quando se quer evitar o confronto face-a-face). Em outras palavras, com habilidade, os Jarawara transformaram a “escola de branco” em **escola Jarawara**, fundamentada no relacionamento e na espontaneidade que lhe são próprios. Desta forma, os Jarawara dominaram a escrita que lhes veio através do contato e a colocaram a serviço de sua sociedade, mostrando que as pessoas podem agir sobre a escrita.

3. A CARTA JARAWARA

3.1. Informações gerais

3.2. Os níveis de observação e análise

3.2.1. A materialidade

3.2.1.1. A linguagem

3.2.1.2. O "ritual" da escrita

3.2.1.3. Os interlocutores

3.2.1.4. Os dois tipos de cartas

3.2.1.5. Os temas variados

3.2.1.6. A tendência circulante

3.2.2. As funções da carta

3.2.2.1. O contato

3.2.2.2. O afeto

3.2.2.3. O jogo

3. A CARTA JARAWARA

A sociedade Jarawara, embora sendo uma sociedade de tradição oral, apropriou-se da escrita fazendo dela a aplicação que achou mais útil e interessante, a **carta**, e além disso desenvolveu um tipo de carta diferente: a carta Jarawara.

A carta Jarawara tem algumas características que a tornam diferente da nossa tanto na forma como no significado. Na forma, porque há uma tendência circulante para formalizar um modelo que está sendo criado por eles mesmos; no significado, porque há conceitos diferentes dos nossos sobre carta.

Assim, os Jarawara não só direcionaram a escrita escolhendo uma das suas modalidades já conhecidas mas também foram criativos no uso desta modalidade escolhida, evidenciando a habilidade Jarawara no controle sobre a escrita.

3.1. Informações gerais

A carta Jarawara estará sendo analisada através do estudo de trinta cartas que foram escritas entre os anos 1992 a 1995. Elas me foram fornecidas pelos destinatários. As trinta cartas foram escolhidas entre várias outras pela diversidade de temas, remetentes, destinatários e locais de origem. Há remetentes de quatro localidades: Água Branca, Casa Nova, São Francisco e Yemete; há destinatários de Água Branca, Casa Nova e Porto Velho (nossa equipe). Os nomes dos remetentes e destinatários estarão omitidos para a proteção de suas identidades.

As cartas foram traduzidas para o português por Atihiwawawi e Inohowe, com a ajuda de Amerira, todos Jarawara residentes em Água Branca. Posteriormente o lingüista Alan Vogel verificou, fez algumas correções na tradução e na separação de palavras, e dividiu o texto em períodos.

3.2. Os níveis de observação e análise

3.2.1. A materialidade

3.2.1.1. A linguagem

As cartas são escritas na língua Jarawara, contendo apenas alguns empréstimos da língua portuguesa, tais como: **amiko** ‘amigo’, **kerito** ‘querido’, **hemeyo** ‘remédio’.

A maioria das cartas são escritas sem divisões de parágrafos e sem pontuação; há algumas trocas de letras e a divisão de palavras é irregular, mas não impedem a compreensão do texto.

A linguagem da carta é a mesma da conversa:

1:5,6 ^(*) Oko yama hani amake haro tiwahabonehe

‘Esta é minha carta para você ler.’

Owati e nara oke ahi

‘Eu estou falando assim.’

(*) O número antes dos dois pontos indica o número da carta e o(s) número(s) depois dos dois pontos indica o número do período ou frase.

19:15 Owati timitahi

‘Escute o que estou falando.’

14:5 ...Tika yama hani atinarake

‘Sua carta disse.’

3.2.1.2. O “ritual” da escrita

Para escrever a carta os Jarawara usam folhas (inteiras ou partes) de caderno comum, tamanho pequeno, o tipo de caderno que lhes é mais acessível. Geralmente, escrevem só em um lado da folha. O “envelope” é a dobradura, uma maneira engenhosa com que dobram a carta (ficando sempre para dentro a parte escrita), formando um pequeno quadrado, com as pontas bem presas. Após isso, escrevem em um lugar visível os nomes do remetente e destinatário. As vezes colocam também os nomes dos lugares de onde sai e para onde vai a carta.

CARTA JARAWARA

ATi kaitiraha Tiwa onofa oke Tika yama hani bone *Rawi
 okanaoke. kaitiraha hibaTiya oTanafi yama hani watoTera
 oTu amake, kasa nofa ka yamahani watarahi
 Fasawa ka yamahani watarahi saofarasisiko ka
 yamahani watarahi Te amake. Fasawa ka karta
 kake Tera amake kasa nofaya. kasanofa ka karta
 TokaTera amake bisa Fasawaya, saofarasisiko
 ka karta kakerihi Te amake kasa nofaya.
 oTa Taboro nafiya yamahani wataTera amake.
 karta matanaba wataTera amake oTaka oneme
 Taboriya, kaitiraha Amomini^{sa} ya Tefamaha Te-
 kakirihiti Titiane ya Rociria meFamaha me
 kakirihiti niya yamahani oTa watoTera oTa amake.
 yamahani oTa matanaba wataTera amake oTaka
 oneme Taboriya, manakoboTe Amosaminiya Tefamaha
 Tekaki A Titiane ya Rociria meFamaha me kaki niya
 waha, oTaka onemeTe kanawana waha yamahani
 me watowaha oTara me kanawanawaha yamahani
 oTa watowaineke oTanafi yamahani wato wuhake.
 kasanofaka yamahani matani Fawukere waha
 Fasawaya, Fasawa ka yamahani kaki Tamake bisa
 kasanofaya, me nafi ube nofaka yamahaniya waha.

A carta pode ser escrita em público ou não, dependendo do assunto. Cartas de namoro, especialmente, são escritas dentro do mosquito, que é o lugar de relativa privacidade (quando alguém quer se isolar dos demais, fica dentro do seu mosquito). Quando o assunto não é segredo pode ser escrita em qualquer lugar.

3.2.1.3. Os interlocutores

As trinta cartas analisadas foram escritas por dezoito pessoas, sendo nove homens e nove mulheres que escreveram dezoito cartas para parentes (consangüíneos) e doze para amigos ou namorados.

A idade dos autores das cartas é de quinze a quarenta anos, mais ou menos, e a idade dos destinatários é de dezoito a quarenta e seis anos.

Dos dezoito escritores somente sete foram alfabetizados pelos professores de fora, e duas destas pessoas que escreveram as cartas estão no terceiro lugar na linha do sistema "Cada um ensina um".

Em setembro de 1995, em uma pesquisa preliminar, efetuada só em Água Branca, observando os remetentes de diversas cartas recebidas por apenas três pessoas (uma senhora que tem irmãos em outras localidades, uma moça e um rapaz solteiros), verifiquei uma quantidade maior de cartas escritas por mulheres, como se vê abaixo :

22 cartas de uma moça de Casa Nova

19 cartas de outra moça de Casa Nova

10 cartas de uma moça de São Francisco

10 cartas de um rapaz de Casa Nova

Nesta mesma época havia vinte e dois homens alfabetizados e vinte e quatro mulheres. Contudo mais pesquisas serão necessárias para confirmar esta indicação de que as mulheres estão escrevendo mais cartas do que os homens.

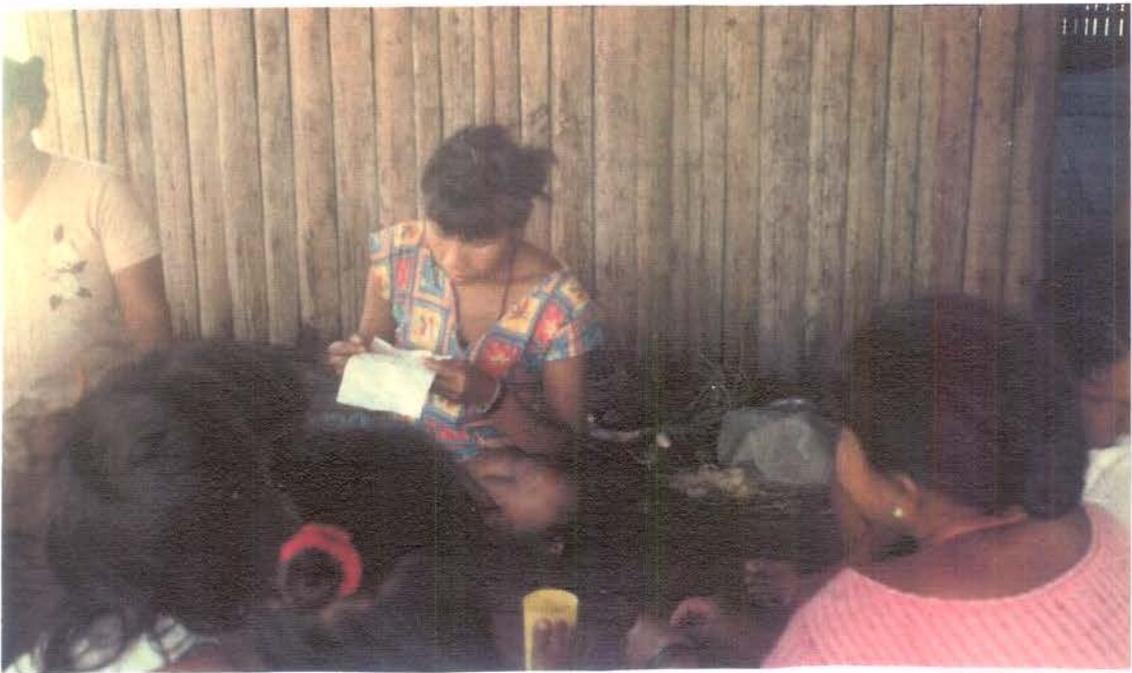
3.2.1.4. Os dois tipos de cartas

Os Jarawara costumam fazer visitas a seus parentes e amigos que estão nas outras localidades. Agora os visitantes que vêm ou vão, ganharam uma nova função: levar e trazer cartas. Assim todas as vezes que chega um visitante, cartas são recebidas e novas cartas são escritas para aproveitar o portador porque as comunidades são distantes uma da outra.

Além disso, os Jarawara criaram uma estratégia para enviar e receber cartas entre as comunidades Água Branca e Casa Nova: usando a pequena comunidade Yemete, que fica na metade do caminho entre as outras duas, como uma agência de correio. O pessoal de Yemete visita com frequência tanto Água Branca como Casa Nova e, igualmente, o pessoal de Água Branca e Casa Nova visitam Yemete. Então combinaram o seguinte: cartas de Água Branca e Casa Nova são levadas até Yemete e, lá, ficam à espera de visitantes que as levem ao destino. Esse sistema já era usado antes para encomendas entre aquelas duas aldeias.

Normalmente, quando o visitante chega, ele entrega logo as cartas para seus donos e estes as lêem sozinhos.

Depois, se quiserem, dão para os outros lerem. É, também, comum, ler a carta para um grupo reunido.



O conceito de “a correspondência é inviolável” não parece fazer parte da sociedade Jarawara. Embora usem a técnica da dobradura para proteger o conteúdo da carta, é perfeitamente possível abri-la e fechá-la de novo sem que se perceba que foi aberta. Presenciei portadores fazendo isso na ausência do remetente e do destinatário, na presença de várias outras pessoas. Aparentemente o portador estava agindo de modo natural, isto é, não parecendo estar fazendo alguma coisa errada.

Mas há cartas sigilosas que não são transportadas por qualquer portador: as cartas de namoro. Nestas cartas são usados pseudônimos e portadores especiais; da confiança do casal, que sabem os nomes verdadeiros do remetente e do destinatário. Mas, às vezes, estas cartas são interceptadas e roubadas por causa da curiosidade em se saber o conteúdo.

Portanto há dois tipos de cartas entre os Jarawara: a carta pública e a carta sigilosa. A carta pública que é mais freqüente, assemelha-se à nossa carta circular porque é lida por várias pessoas e, ao mesmo tempo, diferencia-se dela porque é escrita para um indivíduo definido e não para um grupo de pessoas.

A carta pública ressalta um aspecto importante da cultura Jarawara que é a comunicação e participação; não há muito espaço para o isolamento do indivíduo e privacidade.

3.2.1.5. Os temas variados

Os Jarawara tratam de temas variados em suas cartas: dão notícias, fazem encomendas, expressam emoções diversas (amor, alegria,

tristeza, raiva) dão conselhos, fazem brincadeiras, comentam sobre a escrita, etc.

Algumas das cartas estarão sendo apresentadas a seguir mas, como já foi dito no início deste capítulo, os nomes serão omitidos e também algumas partes do texto que possam prejudicar os interlocutores.

O texto das cartas apresentadas aqui é somente a tradução feita para o português; o texto em Jarawara com a tradução dos morfemas estará no anexo.

Carta n. 1 (De um irmão para sua irmã)

"K eu gosto de você também. K, você não vai voltar aqui em Água Branca? K, tenho saudades de você porque gosto de você, K, você ainda está sabendo nossa língua? Esta é a minha carta para você ler. Eu estou falando assim. Eu não vi você mais, nem você me viu mais. B, A trouxe minha mochila e me entregou. Ele disse que entregou a outra para o I. (A mochila) é boa, obrigado. Eu fiquei alegre em ver minha sacola. K, eu gostei também, estou dizendo. A é bom. Ele fez exatamente o que você mandou. Assim que ele chegou entregou as coisas para mim. É como falo. Meu nome é este, A."

Carta n. 5 (De um irmão para sua irmã)

"Eu estava voltando e o avião saiu. Eu fiquei com raiva. O avião saiu e eu fiquei com raiva porque o avião me deixou para trás. Peguei seis peixes. Eu ia dar (vender) o peixe mas o avião me deixou para trás; estou dizendo. Vou terminar. K, eu gosto de você também."

Carta n. 8 (De um irmão para a irmã)

“A, eu gosto de você. Eu queria ver você, não a vi mais. Porto Velho é bonito. Escreva uma carta para mim, para eu ler. Vou terminar. H.”

Carta n. 11 (De uma irmã para a outra)

“Irmã, esta carta é para você ler. Vou contar o que nós vamos fazer. Você vai saber, nós íamos fazer festa. Não teve festa porque eles beberam cachaça (e fizeram bagunça). Nós iremos agora mesmo para Mangueira, para a casa da tia H. Eles vão colocar timbó no Apituaã. Irmã W, venha passear aqui, para comer peixe. Y, vocês duas. Eu quero ver a Y. Irmã, eu gosto de você. Irmã, minha tia falou assim: “Eu quero passear na casa da W, eu quero vê-la.” Minha tia disse. Ela disse: “W não vem mais aqui”. “Você está falando muito o nome da W” eu falei para ela. Irmã, minha tia não esquece; fala muito o nome de vocês. Já conversamos bastante”.

Carta n. 15 (De uma irmã para a outra)

“Irmã W, escute um pouco o que eu estou falando. Eles dançaram. Eu não estou bem, eu estou escrevendo uma carta, uma carta para você. Por causa de minha tristeza eu não estou bem. W, tenha cuidado. Cuidado com a Y. (.....). Eu vou ficar sozinha agora porque a doença é forte. Está difícil para mim. (.....). Vou contar o que a doença fez. Teve festa no sábado; no domingo a criança começou ficar doente; não ficou muitos dias. A avó dela disse que, de manhã, ela teve diarreia. No domingo à noite ela teve febre, na segunda feira à noite a criança estava morta, à noite, às três horas da madrugada. (.....) Eu não

estou muito bem, não. Eu não estou falando bem. Minha tristeza não acabou ainda (.....) Você está escutando o que eu estou falando. Tenha cuidado”.

Carta n. 16 (Carta de namoro)

“M, você disse que bebeu cachaça do J. Não beba mais cachaça, não. Pare de beber. Meu querido eu gosto de você também. Fique aqui para jantar comigo, amigo. Meu amor, não brinque mais não. Brincadeira não presta. (.....) Eu não sabia fazer comida não, mas você disse que eu devo fazer a sua comida. Meu querido, estou com pressa. Eu sou Y. Meu querido, você está com fome? Você vai embora. Eu tenho comida; eu não tenho farinha. Vou chorar; quando eu me lembrar de você não vou comer. Você é meu querido.”

Carta n. 22 (De um amigo jovem para uma amiga)

“(.....) Vou ficar alegre quando você casar. Quando você casar e tiver um filho, eu vou casar também. Está bem? A, estou brincando. Não quero casar. Já sou velho. (.....) A, já vou terminar. Está bem? Estou cansado porque eu sou velho. (.....).”

Carta n. 29 (De um amigo para outro)

“Primo F, leia a carta que eu estou escrevendo. Primo, eu gosto de você por isso vou escrever carta para você. Nós chegamos em Casa Nova no pôr-do-sol; nós todos estávamos com muito sono. Primo, que hora você chegou? Estou perguntando. Escreva carta para mim, para

eu ler. Eu não sei (ler) carta mais não. Primo você é F. Meu nome é F. Primo, eu gosto muito de você. Eles tomaram cachaça quando viemos andando. Primo, meu outro nome é J. Nós saímos ao meio dia de Samaúma. Vou terminar. Já vou parar de falar porque estou com pressa”.

3.2.1.6. A tendência circulante

Foi observada a recorrência dos seguintes termos nos textos das trinta cartas

- O nome do **destinatário** ou termo de parentesco correspondente apareceu em vários lugares no texto da carta. No início, nas trinta cartas; no decorrer do texto, em doze cartas; no final, em oito cartas.
- O nome do **remetente** apareceu : no início, em cinco cartas; no decorrer do texto, em uma; no final, em treze.
- A frase **tiwa onofaoke** ou o empréstimo correspondente, “eu gosto de você” apareceu em vinte e duas cartas nas seguintes posições : no início, em quinze cartas; no decorrer do texto, em quatro; no final, em sete.
- A expressão **yama hani** “carta, escrita” foi citada em vinte cartas : no início, na primeira frase, em seis cartas; no decorrer do texto, em dez cartas; no final, em quatro cartas.
- A expressão **faya amake** “vou terminar” (ou o empréstimo “obrigado”, que é uma tradução indevida porque literalmente significa “suficiente”) apareceu em dezenove cartas, sendo que : em seis estava na última frase, em outras seis na penúltima, e em sete,

próxima ao final da carta (talvez porque depois de ter escrito que ia terminar, o escritor tenha se lembrado de mais alguma coisa para dizer).

Estas recorrências sugerem um certo perfil da carta Jarawara, levando em conta a posição onde houve maior frequência de cada termo:

Destinatário: (30)	Tiwa onofaoke (15) 'Eu gosto de você'
Yama hani (10) 'Carta' (Ocorreu 68 vezes nesta posição)	
Faya amake (12) 'Vou terminar'	Remetente (13)

Este perfil evidencia uma tendência nas cartas Jarawara; não se constitui em modelo obrigatório e não há cartas anômalas. O que ocorre, pois, é que está havendo uma tendência circulante para a formalização da carta.

3.2.2. As funções da carta

3.2.2.1. O contato

O povo Jarawara valoriza o relacionamento com os parentes e amigos mas a distância entre as comunidades dificultava a comunicação entre eles. Com a chegada da escrita descobriram uma maneira para resolver este problema: a carta.

“Nós não sabíamos mandar carta para
nossos parentes nas localidades deles. (...)
Todos nós sabemos escrever agora. Não se
pára de mandar carta ...”

A carta n. 15 confirma:

15:17 Asima tiwini hiri na ati ihi yama hani rawi onaha tiwaha tikamaki tinofara amatike.

‘Sua irmã está falando, eu vou escrever carta para você ler porque você não veio mais aqui.’

Uma moça de Água Branca informou que escreveu carta para cada adulto de São Francisco, mesmo sem ter um relacionamento próximo com eles.

3.2.2.2. O afeto

“*Agora todos eles gostam um do outro nas cartas*”. A carta Jarawara além de ser um meio de comunicação é também um meio para expressar o afeto. A maioria das cartas enfatiza o afeto do remetente para o destinatário, como mostra esta frase:

29:2 Pirimo tiwa onofi makoni tika yama hanibone rawi okine oke.

‘Primo, eu gosto de você por isso vou escrever carta para você.’

Uma senhora Jarawara que ainda não sabe ler e escrever deu o nome de **amiko** ‘amigo’ e **kerita** ‘querida’ para carta, embora todos os alfabetizados tenham denominado carta por **yama hani**, nome que anteriormente fora dado para traduzir **escrita**. A denominação que aquela senhora deu para carta está bem ligada à função mais aparente da carta que é a afetividade. Um dos termos mais recorrentes foi **Tiwa onofaoke** ‘Eu gosto de você.’ Esta expressão apareceu em vinte e duas das trinta cartas, sendo que, em algumas, apareceu mais do que uma vez. Excluindo as três cartas de namoro, nas outras dezenove o verbo gostar se referindo a pessoas, ocorreu trinta e oito vezes. Além deste verbo, juntando as expressões abaixo (que ocorreram sete vezes), às palavras **amiko**, **amika**, ‘amigo, amiga’ que também ocorreram sete vezes, teremos um total de cinquenta e duas expressões de afetividade.

1 : 3 tiwa saotati

‘estou com saudade de você’

24 : 8 tiwa wati owahaoke

‘estou lembrando de você’

3 : 5 tiwa owibeya

‘eu quero ver você’

Contudo, na interação face-a-face, a expressão de afetividade mais usada nas cartas (**tiwa onofaoke** ‘eu gosto de você’) não é freqüente. Um dos meus irmãos usa aquela expressão nas cartas que me escreve mas nunca a usa face-a-face.

As cartas de namoro, são bastante efusivas :

16 : 16 Ohi onahaba amaoke; tiwa watiowahiya otafaraba amaoke oko yibote amatike.

‘Vou chorar, quando eu lembrar de você não vou comer. Você é meu querido.’

Nesta carta a expressão **oko yibote** ‘meu querido’ ocorreu quatro vezes e **meo kerito** ‘meu querido’, uma. Nas outras duas cartas de namoro, que são de outra autora, o termo **amiko** ocorreu onze vezes; **habai** ‘rapaz, amigo’, duas; e **mewamo** ‘meu amor’, duas vezes.

Adicionando as expressões afetivas das cartas de namoro às cartas de amizade, temos:

verbo gostar (nofa)	44
amigo, amiga	20
quero ver você, estou com saudade	7
TOTAL	71

A maneira como Bibiri concluiu o relato sobre a chegada da escrita entre o seu povo "*Agora todos eles gostam um do outro nas cartas*", confirma a interpretação daquela senhora que denominou a carta de **amiko** 'amigo' e **kerita** 'querida'. Ou seja, os Jarawara estão usando a carta para expressar suas emoções. Considerando o fato de que para eles não fica bem expressar muito as emoções face-a-face, a carta está com uma função catártica semelhante às cartas do povo Nukulaelae (1). Desta forma esta modalidade da escrita que os Jarawara escolheram está servindo à sociedade deles, mostrando assim o domínio dos Jarawara sobre a escrita.

3.2.2.3. O jogo

Quando os primeiros alunos estavam estudando, em Água Branca, podia-se notar que eles estavam gostando muito desta atividade ao ponto de não querer intervalos e, muitas vezes, não parar de estudar

quando dávamos a aula por encerrada. Não estavam mais interessados no status de ter “escola”, propriamente; estavam, mesmo, gostando da escrita em si mesma, deste jeito interessante de representar a fala através de símbolos gráficos. Antes, a escrita para eles era uma dupla incógnita porque não entendiam o funcionamento dos símbolos e também não entendiam o que ouviam as pessoas terem (nos contatos com os ribeirinhos ou em Lábrea) porque estava escrito em um português que não compreendiam. Mas, agora, entendendo os símbolos e com textos em sua língua, o quebra-cabeça passou a ter sentido. Tornou-se um jogo interessante.

Uma evidência de que a escrita é um jogo para os Jarawara está na constante atenção que eles dão, nas cartas, ao próprio ato de escrever a carta. Embora o assunto em foco fosse a afetividade, um desabafo de tristeza ou raiva, uma brincadeira, ou a comunicação de alguma notícia, o escritor estava atento ao canal da comunicação, como mostram os textos abaixo, extraídos de algumas cartas :

2 : 15,16 A ami bote onofaoke. Tiwa onofaoke. Te nafi onofaoke.

‘A, gosto de sua velha mãe. Gosto de você. Gosto de vocês todos.’

B ka yama hani amosawine?

‘A carta de B parece boa?’

15 : 3,4 Otaminara yama hani rawi okineoke tika yama hanibonehe kokoriri ghi asima otaminaokere.

‘Eu não estou bem. Estou escrevendo uma carta, uma carta para você. Por causa de muita tristeza, irmã, eu não estou bem.’

17 : 14,15 Okomi owa kako nafa tika yama hanibone rawi okineoke.
Habai kako rima ni onofaokere.

‘Minha mãe está sempre com raiva de mim. Estou escrevendo carta para você. Amigo, eu não quero ficar com raiva.’

24 : 7,8 Oko yama hani amake tiwa habonehe. A tiwa wati owahaoke.

‘É minha carta para você ler. A, estou lembrando de você.’

As palavras **yama hani** ‘carta, escrita’ apareceu em vinte das trinta cartas, sendo que o total de vezes em que ocorrem nestas vinte cartas foi setenta e nove. Foi o termo que mais ocorreu nas cartas, sendo que, em algumas se constituiu no tema principal, como nesta:

26 : 1-9 I tiwa onofaoke bisa, ati nabisane.

‘I, eu gosto de você também, estou dizendo.’

I oko yama hani tiwiyahi bisa.

‘I, leia minha carta também.’

Yama hani rawini owato onofabisi onofara amaoke.

‘Eu não sei escrever carta mais não.’

Barasirero yama hani rawini me wawato te me amake.

‘Brasileiro (“branco”) sabe escrever carta.’

Barasirero amaokere haowa.

'Eu não sou brasileiro ("branco").'

Sirito amaoke bisa.

'Eu sou enxerido.'

Fara owini amake bisa.

'Meu nome é só isso (enxerido).'

I Yemeteya yama hani rawi oneoke.

'I, eu estou escrevendo carta para Yemete.'

Yia 23 di saneiro yama hani rawi oneoke bisa. (...)

'Eu estou escrevendo esta carta no dia 23 de janeiro(...).'

Outra evidência de que a escrita é um jogo para os Jarawara está no fato de que todos querem aprender a escrever. Alguns que ainda não sabem pedem a outros para escrever suas cartas mas ninguém se acomoda nesta posição. Cada um, por si mesmo, quer escrever cartas. Por isso continuam estudando até conseguir aprender.

Em mais este aspecto a escrita está **servindo** aos Jarawara como passatempo, brincadeira.

NOTA:

1. Besnier (1989), analisou cartas escritas pelos ilhéus Nukulaelae, habitantes de uma pequena ilha isolada localizada ao sul de Funaafuti, no Pacífico Central e identificou quatro funções principais nestas cartas, que são: afetiva, econômica, informativa e admoestativa, sobressaindo a função afetiva. Esta análise está descrita em "Literacy and feelings: the encoding of affect in Nukulaelae letters", in Street (1993) (ed.), *Cross-cultural approaches to literacy*, Cambridge: Cambridge University Press.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação se propôs a relatar a experiência dos Jarawara quanto ao seu processo de apropriação da escrita. Ao relatar essa experiência, foi possível constatar como os Jarawara agiram sobre a escrita, transformando-a, dando-lhe a forma e a função desejada.

O povo Jarawara, que foi contactado na segunda metade do século passado, sobreviveu aos conflitos sangrentos desencadeados pela invasão dos “brancos” em seu território. Com diplomacia, este povo conseguiu estabelecer uma coexistência pacífica com os invasores evitando o extermínio, mantendo a posse da terra de seus antepassados e obtendo os desejados utensílios dos “brancos” (embora explorados nas transações comerciais). Mais de um século depois do contato, por solicitação dos próprios Jarawara, uma escola chegou até eles. A alfabetização foi na língua Jarawara e os livros pós-cartilha foram escritos pelos próprios Jarawara recém-alfabetizados com temas do etnoconhecimento do povo. Mesmo procurando respeitar as tradições Jarawara, essa escola inicial ainda era marcada pela tradição escolar dos “brancos”. A verdadeira escola Jarawara estabeleceu-se quando os próprios Jarawara assumiram o controle do processo de escolarização. O automatismo de dias e horas fixos das aulas foi trocado pela espontaneidade do momento oportuno. O sistema “Cada um ensina um” baseado no relacionamento familiar foi adaptado para “Muitos ensinam a um”, no relacionamento de amizade, com o aluno procurando o professor. Porém, a modificação mais profunda que fizeram foi a mudança da função da escrita, através da troca do livro didático. Os Jarawara rejeitaram os materiais didáticos pré-elaborados, impessoais, e criaram o livro

didático inacabado, em constante elaboração, personificado: a **carta**, que se tornou o meio e o fim do letramento.

Mas os Jarawara não apenas trocaram a função da escrita. Além disso, com habilidade artística, criaram a CARTA JARAWARA que se distingue da nossa. Os Jarawara passaram a organizar o texto de suas cartas segundo um padrão que prevê fórmulas de saudação e de despedida e a tematização do próprio ato de escrever, dentro de uma certa distribuição espacial do papel utilizado para a escrita. A característica mais marcante da carta Jarawara é o seu caráter público. Em outras palavras, a carta, embora dirigida a uma pessoa em particular, é livremente lida e compartilhada por todos. É fato que existem cartas que circulam secretamente. Porém, a natureza coletiva impressa na circulação de cartas faz com que essas “cartas secretas” sejam cobiçadas por todos e cercadas de cuidados muito particulares dos correspondentes: portadores especiais, pseudônimos. Escrita por indivíduos e lida por todos, a carta Jarawara ao circular no espaço social da comunidade articula os desejos pessoais e o do conjunto do povo.

O mais surpreendente na experiência Jarawara com a escrita é a rapidez com que o povo assumiu o controle do novo conhecimento: tendo recebido a escrita em 1989, apenas quatro anos depois, em 1992, a escola e a escrita Jarawara já eram realidade.

O trabalho aqui apresentado traz elementos para a reflexão sobre o letramento e sobre a escola indígena diferenciada. É também uma contribuição às pesquisas recentes sobre a ação das pessoas sobre a escrita.

BIBLIOGRAFIA

1. BASSO, K.H. 180 "Review of Goody", em **Language in Society**, n.9, pp. 72-80
2. BESNIER,N. (1989) "Literacy and feelings: the encoding of affect in Nukulaelae letters", in STREET,B. (ed.) (1993), **Cross-cultural approaches to literacy**, Cambridge: Cambridge University Press.
3. COOK-GUMPERZ, J. (1986). **The social construction of literacy**, Cambridge: Cambridge University Press.
4. DIXON,R. e VOGEL A. (1994). **The Struture of the Verb in Jarawara (Arawa Family)**, mimeografado.
5. FINNEGAN,R. (1988). **Litteracy and orality. Studies in the technology of communications**, Oxford, Blackwells.
6. FINNEGAN, R. (1989). "Communication and technology", in **Language and communication**, n.9, pp. 107-27
7. GNERRE,M. (1991). **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, Martins Fontes.
8. GRAFF, H.J. (1987). **The Labyrinths of Literacy**, London, The Falmer Press.
9. GOELMAN, H.; OBERG,A. e SMITH, F. (eds), 1983. **Awakening to literacy**, Cambridge: Cambridge University Press.

10. GOODY, J. (1968). **Literacy in traditional societies**, Cambridge : Cambridge University Press.
11. GOODY, J. (1977). **The domestication of the savage mind**, Cambridge : Cambridge University Press.
12. GOODY, J. e WATT, I.P. (1968) "The consequences of literacy", em GOODY 1968 (Publicado originalmente em **Comparative Studies in History and Society**, 5, pp. 304-345,1963).
13. HAVELOCK, E.A. (1963). **Preface to Plato**, Cambridge : Harvard University Press.
14. HAVELOCK, E.A. (1976). **Origins of Western Literacy**, Toronto : Ontario Institute for Studies in Education.
15. HOUISS, M. (1971). **Anthropologie linguistique de l'Afrique Noire**, Paris, PUF.
16. JAKOBSON, Roman (1969). **Linguística e Comunicação**. Trad.Isidoro Bliksteine e José Paulo Paes, São Paulo, Editora Cultrix-Edit. da Universidade de São Paulo.
17. KROEMER, G. (1985). **Cuxiuara, o Purus dos indígenas**, São Paulo, Edições Loyola.
18. LAUBACH, F.C. (1961). **Toward World Literacy**, Syracuse, Syracuse University Press.
19. LEVI-STRAUSS,C. (1955). **Tristes Tropiques**. Paris : Plon. 1962.
20. MELIÁ, B. (1979). **Educação Indígena e Alfabetização**, São Paulo, Loyola.

21. MELIÁ, B. (1989). **Desafios e Tendências na Alfabetização em Língua Indígena**". in OPAN, **A conquista da escrita**, São Paulo, Iluminuras.
22. BURKE, P. (ed.). (1992). **A Escrita da História** São Paulo, Editora UNESP.
23. RODRIGUES, A. (1986). **Línguas Brasileiras**, São Paulo, Edições Loyola.
24. SCRIBNER, S e COLE, M. (1981). **The Psychology of Literacy**, Cambridge: Harvard University Press.
25. VIGOTSKY, L.S. (1993). **Pensamento e Linguagem**, São Paulo, Martins Fontes.
26. VOGEL, A. (1994). **Dicionário Jarauáa Português, edição experimental**.
27. WHITEMAN, M. (ed) 1981. **Writing the nature, development and teaching of written communication, vol.1, "Variation in Writing: funcional and linguistic and cultural differences"**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum.
28. ZILBERMAN, R e SILVIA, E.T. (orgs.), (1991). **Leitura - Perspectivas Interdisciplinares**, São Paulo, Editora Ática.

ANEXO

Explicação das Abreviaturas

Aux - Auxiliar

BKGD - Background

CAUSAT - Causativo

COMIT - Comitativo

COMPL - Complementizador

CONT - Atividade Contínua

CORREF - Correferencial (marcador de frase)

COST/CUST - costumeiramente, habitualmente

DEC - Declarativo

exc - exclusivo

f - feminino

FUT - Futuro

IMEDfut - Futuro Imediato

IMP - Imperativo

inc - inclusivo

INSTRUM - Instrumentalizador

INT - Intensão

INTENS - Intensificador

INTERMIT - Intermitente

INTP - Interrogativa Polar

IRR - Irrealis ('deveria', 'poderia')

m - masculino

NEG - Negativo

NON - Nominalizador

PDn - Passado Distante não visto

PDv - Passado Distante visto

PERIF - Periférico

Pln - Passado Imediato não visto

Plv - Passado Imediato visto

pl - plural

PRn - Passado Recente não visto

PRv - Passado Recente visto

REDUP - Reduplicação

REP - Reportado

RET - Retomar

sg - singular

SUBORD - Subordinativa

SUPERL - Superlativo

VOGI - Vogal de Ligação

Nota: A análise dos morfemas foi feita por Alan Vogel

\ref carta 1 001
\mr K tiwa onofa oke bisa.
\pr k tiwa o -nofa o -ke bisa
\gl nome 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf também

\tra K eu gosto de você também

\ref carta 1 002
\mr K tikamarahaba amati ahi Fasawaya?
\pr k ti -ka-ma -ra -haba ama-ti ahi fasawa-ya
\gl nome 2sg-ir-RET-NEG-FUT ser-2sg aqui Água -PERIF

\tra K você não vai voltar aqui em Água Branca?

\ref carta 1 003
\mr K tiwa saotati oke bisa tiwa onofi karo bisa.
\pr k tiwa saotati o -ke bisa tiwa o -nofi karo bisa
\gl nome 2sg saudade 1sg-DECf também 2sg 1sg gostar porque também

\tra K tenho saudades de você porque gosto de você

\ref carta 1 004
\mr K ota ati tiwatosá tini?
\pr k ota ati ti -wato -sa ti -ni
\gl nome 1_exc falar 2sg-saber-ainda 2sg-INTPf

\tra K você ainda está sabendo nossa língua?

\ref carta 1 005
\mr Oko yama hani amake haro tiwahabonehe.
\pr o -ko yama hani ama-ke haro ti -wa -habone-he
\gl 1sg-pos coisa desenho ser-DECf este 2sg-ler-INT -SUBORDf

\tra Esta é a minha carta para você ler.

\ref carta 1 006
\mr Owati e naraoke ahi.
\pr owa-ati e na -ra -o -ke ahi
\gl 1sg-falar é_assim AUX-NEG-1sg-DECf aqui

\tra Eu estou falando assim

\ref carta 1 007
\mr K tiwa owamarihi owa tiwamarihi tibisa
\pr k tiwa o -wa -ma -rihi owa ti -wa -ma -rihi ti -bisa
\gl nome 2sg 1sg-ver-RET-NEGlستا 1sg 2sg-ver-RET-NEGlستا 2sg-também

\mr tike.
\pr ti -ke
\gl 2sg-DECf

\tra k eu não vi você mais, nem você me viu mais.

\ref carta 1 008

\mr B afa oko mosirabani A hekamahani
\pr b afa o -ko mosira -ba -ni a he-ka-ma -hani
\gl nome este_mesmo 1sg-pos mochila-FUT-PInf nome ? -ir-RET-desenho

\mr ta hinamarake owa niya.
\pr ta hi -na -ma -ra -ke owa niya
\gl entregar 3sg-AUX-RET-PIvf-DECf 1sg para

\tra B, A trouxe minha mochila e me entregou.

\ref carta 1 009

\mr One ta hinama hinaharake I niya.
\pr one ta hi -na -ma hi -na -hara-ke i niya
\gl outra entregar 2sg-AUX-RET 2sg-AUX-PIvf-DECf nome para

\tra Ele disse que entregou a outra para o I.

\ref carta 1 010

\mr Amosarake faya amake.
\pr amosa -ra -ke faya ama-ke
\gl bonito-PIvf-DECf suficiente ser-DECf

\tra (A mochila) é boa, obrigado

\ref carta 1 011

\mr Yayai onara oke oko sakora owa owa.
\pr yayai o -na -ra o -ke o -ko sakora o -wa 1sg
\gl alegrar 1sg-AUX-PIvf 1sg-DECf 1sg-pos sacola 1sg-ver owa

\tra eu fiquei alegre em ver minha sacola.

\ref carta 1 012

\mr K onofa oke bisa onahara oke.
\pr k o -nofa o -ke bisa o -na -hara o -ke
\gl nome 1sg-gostar 1sg-DECf também 1sg-AUX-PIvf 1sg-DECf

\tra K eu gostei também, estou dizendo.

\ref carta 1 013

\mr A amosareka.
\pr a amosa -re -ka
\gl nome bonito-PIvm-DECm

\tra A é bom.

\ref carta 1 014

\mr Fara tiwatini nima nareka.
\pr fara ti -wati -ni nima na -re -ka
\gl igual 2sg-palavra-PInf igual AUX-PIvm-DECm

\tra Ele fez exatamente o que você mandou.

\ref carta 1 015

\mr Hiba kobo nama ne yama ta namareka owa niya.

\pr hiba kobo na -ma ne yama ta na -ma -re -ka lsg niya

\gl assim_que chegar AUX-RET AUX coisa entregar AUX-RET-PIvm-DECm owa para

\tra Assim que ele chegou entregou as coisas para mim.

\ref carta 1 016

\mr Fara amake hiyara owini amake haro A.

\pr fara ama-ke hiyara owa-ini ama-ke haro a

\gl igual ser-DECf conversa lsg-nome ser-DECf este nome

\tra É como falo, meu nome é este A.

\ref carta 5 001

\mr Okoma afiyao yana ne oyawara oke.

\pr o -ko -ma afiyao yana ne o -yawa -ra o -ke

\gl 1sg-pos-RET avião levantar ? 1sg-raiva-? 1sg-DECf

\tra Eu estava voltando e o avião saiu. *Eu fiquei com raiva.*

\ref carta 5 002

\mr Afiyao owa kakose owa.

\pr afiyao 1sg ka-kose 1sg

\gl avião owa ir-no_meio owa

\tra O avião saiu e eu fiquei com raiva porque o avião me deixou para trás.

\ref carta 5 003

\mr Oko aba me sei narake.

\pr o -ko aba me sei na -ra -ke

\gl 1sg-pos peixe plural seis AUX-PIvf-DECf

\tra Peguei seis peixes.

\ref carta 5 004

\mr Aba ta onahabone afiyao owakakosaka onahara

\pr aba ta o -na -habone afiyao owa-ka-kosa -ka o -na -hara

\gl peixe entregar 1sg-AUX-INT avião 1sg-ir-no_meio-DECm 1sg-AUX-PIvf

\mr oke.

\pr o -ke

\gl 1sg-DECf

\tra Eu ia dar (vender) o peixe mas o avião me deixou para trás; estou dizendo.

\ref carta 5 005

\mr Faya amake.

\pr faya ama-ke

\gl suficiente ser-DECf

\tra Vou terminar.

\ref carta 5 006

\mr K tiwa onofa oke bisa.

\pr k tiwa o -nofa o -ke bisa

\gl nome 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf também

\tra K, eu gosto de você também.

\ref carta 8 001

\mr A tiwa onofa oke.

\pr a tiwa o -nofa o -ke

\gl nome 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf

\tra A, eu gosto de você.

\ref carta 8 002

\mr Tiwa awinima oke tiwa owamari karo.

\pr tiwa awi-nima o -ke tiwa o -wa -ma -ri karo

\gl 2sg ver-querer 1sg-DECf 2sg 1sg-ver-RET-NEG porque

\tra Eu queria ver você, não a vi mais.

\ref carta 8 003

\mr Yama amosake Porto Velho karo.

\pr yama amosa -ke porto velho karo

\gl coisa bonito-DECf Porto_ Velho porque

\tra Porto Velho é bonito.

\ref carta 8 004

\mr Oko yama haniba rawi tikanahi bisa

\pr o -ko yama hani -ba rawi ti -ka -na -hi bisa

\gl 1sg-pos coisa desenho-FUT escrever 2sg-INSTRUM-AUX-IMP também

\mr owahabana bisa.

\pr o -wa -habana bisa

\gl 1sg-ler-FUT também

\tra Escreva uma carta para mim, para eu ler.

\ref carta 8 005

\mr Faya amake.

\pr faya ama-ke

\gl suficiente ser-DECf

\tra Vou terminar.

\ref carta 11 001
\mr Asima tika yama hanibone amake,
\pr asima ti -ka yama hani -bone ama-ke
\gl irma_mais_nova 2sg-pos coisa desenho-INT ser-DECf

\mr tiwahabonehe.
\pr ti -wa -habone-he
\gl 2sg-ler-INT -SUBORDf

\tra Irmã esta carta é para você ler.

\ref carta 11 002
\mr Otara okominamatibeya.
\pr otara o -komina -mati -beya
\gl lexc 1sg-falar_de-pouco_tempo-IMEDf

\tra Vou contar o que nós vamos fazer.

\ref carta 11 003
\mr Ota tamine timitibeya ayaka ota hiri na ota.
\pr ota tamine ti -miti -beya ayaka ota hiri na ota
\gl 1_exc notícia 2sg-ouvir-IMEDf festa 1_exc fazer AUX 1_exc

\tra Você vai saber, nós íamos fazer festa.

\ref carta 11 004
\mr Ayaka watararake kasasa me fawa me ihi.
\pr ayaka wata -ra -ra -ke kasasa me fawa me ihi
\gl festa existir-NEG-PIvf-DECf cachaça 3pl beber plural por_causa_de

\tra Não teve festa porque eles beberam cachaça (e fizeram bagunça).

\ref carta 11 005
\mr Ota tokomakekibone makeraya
\pr ota to -ko-make -ki -bone makera -ya
\gl 1_exc distante-ir-seguindo-agora_mesmo-INT Mangueira-PERIF

\mr okomise H.
\pr o -ko -amise h
\gl 1sg-pos-irmã_da_mãe nome

\tra Nós iremos agora mesmo para Mangueira, para a casa da tia H.

\ref carta 11 006
\mr Kona me sa naboneke fabiriya.
\pr kona me sa na -bone-ke fabiri-ya
\gl timbó 3pl colocar AUX-INT -DECf Apituã-PERIF

\tra Eles vão colocar timbó no Apituã.

\ref carta 11 007
\mr Asima W yaka tinahi.
\pr asima w yaka ti -na -hi
\gl irma_mais_nova nome passear 2sg-AUX-IMP

\tra Irmã W, venha passear aqui.

\ref carta 11 008
\mr Aba me tikabibeya.
\pr aba me ti -kabi -beya
\gl peixe 3pl 2sg-comer-IMEDf

\tra Para comer peixe.

\ref carta 11 009
\mr Y te famahi.
\pr y te fama-hi
\gl nome 2pl dois-IMP

\tra Y, vocês duas.

\ref carta 11 010
\mr Y awinima oke.
\pr y awi-nima o -ke
\gl nome ver-querer 1sg-DECf

\tra Eu quero ver a Y.

\ref carta 11 011
\mr Asima tiwa onofa oke.
\pr asima tiwa o -nofa o -ke
\gl irma_mais_nova 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf

\tra Irmã, eu gosto de você.

\ref carta 11 012
\mr Asima okomise ati amake haro
\pr asima o -ko -amise ati ama-ke haro
\gl irma_mais_nova 1sg-pos-irmã_da_mãe falar ser-DECf assim

\mr okomakehabone onahara oni W, owamakehabone
\pr o -ko-make -habone o -na -hara o -ni w o -wa -make -
habone
\gl 1sg-ir-seguindo-INT 1sg-AUX-PIvf 1sg-? nome 1sg-ver-seguindo-
INT

\mr owa okomise ati na.
\pr 1sg o -ko -amise ati na
\gl owa 1sg-pos-irmã_da_mãe falar AUX

\tra Irmã, minha tia falou assim:"eu quero passear na casa da W, eu quero vê-la." Minha tia disse.

\ref carta 11 013
\mr Hora onaharake W hiwamake mako.
\pr hora o -na -hara-ke w hi -wa -make mako
\gl repreender 1sg-AUX-PIvf-DECf nome 3sg-ver-seguindo não_apropriado_m

\tra Ela disse:" W não vem mais aqui."

\ref carta 11 014

\mr W ino hiri toha ne, onahara oke.

\pr w ino hiri toha ne o -na -hara o -ke

\gl nome nome dizer ser IRR lsg-AUX-PIvf lsg-DECf

\tra "Você está falando muito o nome da W", eu falei para ela.

\ref carta 11 015

\mr Asima okomise ati fawa nofara amake

te

\pr asima o -ko -amise ati fawa nofa -ra ama-ke

te

\gl irma_mais_nova lsg-pos-irmã_da_mãe falar parar sempre-NEG ser-DECf

2pl

\mr ino hiri naro.

\pr ino hiri na -ro

\gl nome dizer AUX-CORREff

\tra Irmã, minha tia não esquece; fala muito o nome de vocês.

\ref carta 11 016

\mr Faya amake waha, hiyara.

\pr faya ama-ke waha hiyara

\gl suficiente ser-DECf agora conversa

\tra Já conversamos bastante.

\ref carta 15 001
\mr Asima W owati timitamatahi.
\pr asima w owa-ati ti -mita -mata -hi
\gl irmã_mais_nova nome 1sg-falar 2sg-ouvir-um_pouco-IMP

\tra Irmã W, escute um pouco o que eu estou falando.

\ref carta 15 002
\mr Me ayakarake.
\pr me ayaka -ra -ke
\gl 3pl dançar-PIvf-DECf

\tra Eles dançaram.

\ref carta 15 003
\mr Otaminara yama hani rawi okine oke
\pr o -tamina -ra yama hani rawi o -ki -ne o -ke
\gl 1sg-estar_bem-NEG coisa desenho escrever 1sg-COMIT-CONT 1sg-DECf

\mr tika yama hanibonehe.
\pr ti -ka yama hani -bonehe
\gl 2sg-DECm coisa desenho-INT

\tra Eu não estou bem, eu estou escrevendo uma carta, uma carta para você.

\ref carta 15 004
\mr Kokoriri ihi asima otamina okere.
\pr ko -kori -ri ihi asima o -tamina o -ke
-re
\gl REDUP-triste-NOM por_causa_de irma_mais_nova 1sg-estar_bem 1sg-
DECf-NEG

\tra Por causa de muita tristeza eu não estou bem.

\ref carta 15 005
\mr W kowitato tinahi.
\pr w kowitato ti -na -hi
\gl nome cuidado 2sg-AUX-IMP

\tra W, tenha cuidado.

\ref carta 15 006
\mr Y kowitato tinahi.
\pr y kowitato ti -na -hi
\gl nome cuidado 2sg-AUX-IMP

\tra Cuidado com a Y.

\ref carta 15 010
\mr Towesa kita ihi owahariwa okibone.
\pr towesa kita ihi owa-hari-wa o -ki -bone
\gl doença forte por_causa_de 1sg-um -? 1sg-COMIT-INT

\tra Eu vou ficar sozinha agora porque a doença é forte.

\ref carta 15 011
\mr Asima yama nawahake owa niya.
\pr asima yama nawahake 1sg niya
\gl irmã_mais_nova coisa demorar owa para

\tra Está difícil para mim.

\ref carta 15 019
\mr Towesa ihi okominamatibeya.
\pr towesa ihi o -komina -mati -beya
\gl doença por_causa_de 1sg-falar_de-pouco_tempo-IMEDf

\tra Vou contar o que a doença fez.

\ref carta 15 020
\mr Saboya me ayaka tomikoya inamate hine wasihareka
\pr sabo -ya me ayaka tomiko -ya inamate hine wasi -hare-ka
\gl sábado-PERIF 3pl festa domingo-PERIF criança só adoecer-PIvm-DECm

\mr amo ni tamarebancho.
\pr amo ni tama -re -ba -noho
\gl dias AUX muito-NEG-FUT-?

\tra Teve festa no sábado; no domingo a criança começou a ficar doente;
não
ficou muitos dias.

\ref carta 15 021
\mr Mi naminemona hinakaki hinahareka.
\pr mi na -mine -mona hinaka-aki hi -na -hare-ka
\gl defecar AUX-de_manhã-REPM 3sg -avó 3sg-AUX-PIVM-DECM

\tra A avó dela disse que, de manhã, ela teve diarréia.

\ref carta 15 022
\mr Tomikoya yama sokiya kiya nabe sikota fera ka
yama
\pr tomiko -ya yama soki -ya kiya nabe sikota fera ka
yama
\gl domingo-PERIF coisa preto-PERIF doente de_noite segunda feira pos
coisa

\mr sokiya inamatewe ati fawa nareka yama soki
ka
\pr soki -ya inamatewe ati fawa na -re -ka yama soki
ka
\gl preto-PERIF criança falar desaparecer AUX-PIVM-DECM coisa preto
pos

\mr bahi terei owara toheya.
\pr bahi terei owara toheya
\gl sol três hora ?

\tra No domingo à noite ela teve febre, na segunda feira à noite a
criança
estava morta, à noite, às três horas da madrugada.

\ref carta 15 025
\mr Otamina okere.
\pr o -tamina o -ke -re
\gl 1sg-estar_bem 1sg-DECf-NEG

\tra Eu não estou muito bem, não.

\ref carta 15 026
\mr Owati hiyakere.
\pr owa-ati hiyakere
\gl 1sg-falar ruim

\tra Eu não estou falando bem.

\ref carta 15 027
\mr Owati fawa ni watokere
\pr owa-ati fawa ni wato -ke -re
\gl 1sg-falar parar AUX saber-DECf-NEG

\tra Minha tristeza não acabou ainda

\ref carta 15 028
\mr Owati timita tike.
\pr owa-ati ti -mita ti -ke
\gl 1sg-falar 2sg-ouvir 2sg-DECf

\tra Você está escutando o que estou falando.

\ref carta 15 029
\mr Kowitato tinahi.
\pr kowitato ti -na -hi
\gl cuidado 2sg-AUX-IMP

\tra Tenha cuidado.

\ref carta 16 001
\mr M wati me ka kasasa tifahamone tinahara tike.
\pr m wati me ka kasasa ti -fa -hamone ti -na -hara ti -ke
\gl nome J 3pl pos cachaça 2sg-beber-REP 2sg-AUX-PIvf 2sg-DECf

\tra M você ^{distê} ^{bebeu} que cachaça do J

\ref carta 16 002
\mr Kasasa tifamariyahi.
\pr kasasa ti -fa -ma -ri -yahi
\gl cachaça 2sg-beber-RET-NEG-IMP

\tra Não beba mais cachaça, não.

\ref carta 16 003
\mr Kasasa fawi e tiyahi.
\pr kasasa fawi e ti -yahi
\gl cachaça beber ? 2sg-IMP

\tra Pare de beber.

\ref carta 16 004
\mr Oko yibote tiwa onofa oke bisa.
\pr o -ko yibote tiwa o -nofa o -ke bisa
\gl 1sg-pos querido 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf também

\tra Meu querido eu gosto de você também.

\ref carta 16 005
\mr Titafibeya, tisawikosahi owa niya amiko.
\pr ti -tafi -beya ti -sawi -kosa -hi 1sg niya amiko
\gl 2sg-comer-IMEDf 2sg-estar_em_grupo-no_meio-IMP owa com amigo

\tra fique aqui para jantar comigo, amigo.

\ref carta 16 006
\mr Oko yibote siwarima tinahi.
\pr o -ko yibote siwa -rima ti -na -hi
\gl 1sg-pos querido brincadeira-IMPneg 2sg-AUX-IMP

\tra Meu amor, não brinque mais não.

\ref carta 16 007
\mr Siwa hiyatera amake.
\pr siwa hiyatera ama-ke
\gl brincadeira ruim ser-DECf

\tra Brincadeira não presta.

\ref carta 16 011
\mr Yamata wasi owatotera titefe bone owasihabone
\pr yamata wasi o -wato -te -ra ti -tefe bone o -wasi -
habone
\gl comida cozinhar 1sg-saber-CUST-NEG 2sg-comida INT 1sg-cozinhar-INT

\mr tinahara tike.
\pr ti -na -hara ti -ke
\gl 2sg-AUX-PIvf 2sg-DECf

\tra Eu não sabia fazer comida não, mas você disse que eu devo fazer a sua comida.

\ref carta 16 012
\mr Meo kerito babaha oke.
\pr meo kerito ba -baha o -ke
\gl meu querido REDUP-prensa 1sg-DECf

\tra Meu querido, estou com pressa.

\ref carta 16 013
\mr Y ama oke.
\pr y ama o -ke
\gl nome ser 1sg-DECf

\tra Eu sou Y.

\ref carta 16 014
\mr Oko yibote tifimiya tikamibana tike.
\pr o -ko yibote ti -fimi-ya ti -ka-mi -bana ti -ke
\gl 1sg-pos querido 2sg-fome-PERIF 2sg-ir-RETnom-FUT 2sg-DECf

\tra Meu querido, você está com fome? Você vai embora.

\ref carta 16 015
\mr Yamata okiha oke; yama kakawi okiha
\pr yamata o -kiha o -ke yama kakawi o -kiha
\gl comida 1sg-ter 1sg-DECf coisa misturar_para_comer 1sg-ter

\mr okere.
\pr o -ke -re
\gl 1sg-DECf-NEG

\tra Eu tenho comida; eu não tenho farinha.

\ref carta 16 016
\mr Ohi onahaba ama oke; tiwa wati owahiya otafaraba
\pr ohi o -na -haba ama o -ke tiwa wati owahiya o -tafa -ra -
ba
\gl chorar 1sg-AUX-FUT ser 1sg-DECf 2sg pensar ? 1sg-comer-NEG-FUT

\mr ama oke oko yibote ama tike.
\pr ama o -ke o -ko yibote ama ti -ke
\gl ser 1sg-DECf 1sg-pos querido ser 2sg-DECf

\tra Vou chorar; quando eu me lembrar de você não vou comer. Você é meu querido.

\ref carta 22 012
\mr Yayai obeya, tifaniya.
\pr yayai o -beya ti -fani -ya
\gl alegrar 1sg-IMEDfut(f) 2sg-casar-PERIF

\tra Vou ficar alegre quando você casar.

\ref carta 22 013
\mr Tifaniya tikatao ohariya ofanabisabana oke.
\pr ti -fani -ya tikatao ohariya o -fana -bisa -bana o -ke
\gl 2sg-casar-PERIF seu_filho um 1sg-casar-também-FUT 1sg-DECf

\tra Quando você casar e tiver um filho, eu vou casar também.

\ref carta 22 014
\mr E tini?
\pr e ti -ni
\gl ? 2sg-INTPf

\tra Está bem?

\ref carta 22 015
\mr A siwa one oke bisa.
\pr a siwa one o -ke bisa
\gl nome brincadeira outro 1sg-DECf também

\tra A, estou brincando.

\ref carta 22 016
\mr Fani onofa okere bisa.
\pr fani o -nofa o -ke -re bisa
\gl casar 1sg-gostar 1sg-DECf-NEG também

\tra Não quero casar.

\ref carta 22 017
\mr Bote ama oke bisa.
\pr bote ama o -ke bisa
\gl velho ser 1sg-DECf também

\tra Já sou velho.

\ref carta 22 020
\mr A faya amake mata.
\pr a faya ama-ke mata
\gl nome suficiente ser-DECf já

\tra A, já vou terminar.

\ref carta 22 021
\mr E tini, bisa?
\pr e ti -ni bisa
\gl ? 2sg-INTPf também

\tra está bem?

\ref carta 22 022
\mr Ma oha oke bote ohi karo.
\pr ma o -ha o -ke bote ohi karo
\gl cansar 1sg-? 1sg-DECf velho ? porque

\tra Estou cansado porque eu sou velho.

\ref carta 29 001

\mr Pirimo F yama hani tiwahi rawi onaharo.
\pr pirimo f yama hani ti -wa -hi rawi o -na -haro
\gl primo nome coisa desenho 2sg-ler-IMP escrever 1sg-AUX-PRvf

\tra Primo F, leia a carta que eu estou escrevendo

\ref carta 29 002

\mr Pirimo tiwa onofi makoni tika yama hanibone
\pr pirimo tiwa o -nofi makoni ti -ka yama hani -bone
\gl primo 2sg 1sg-gostar não_apropriado 2sg-pos coisa desenho-INT

\mr rawi okine oke.
\pr rawi o -ki -ne o -ke
\gl escrever 1sg-agora_mesmo-? 1sg-DECf

\tra Primo, eu gosto de você por isso vou escrever carta para você.

\ref carta 29 003

\mr Casa Nova ota kobonama otake bahi tokeya, nokobisa ota
awaha
\pr casa nova ota kobonama ota -ke bahi tokeya nokobisa ota
awaha
\gl Casa Nova 1_exc chegar 1_exc-DECf sol indo sono 1_exc
sentir

\mr ota, kasiroya.
\pr ota kasiro-ya
\gl 1_exc muito -PERIF

\tra Nós chegamos em Casa Nova no pôr-do-sol; nós todos estávamos com
muito
sono.

\ref carta 29 004

\mr Pilimo, hika bahi iteya kobo tinamariniya
\pr pilimo hika bahi iteya kobo ti -na -ma -ri -ni -ya
\gl primo qual sol estar chegar 2sg-AUX-RET-INTER-PInf-PERIF

\mr onahara oke.
\pr o -na -hara o -ke
\gl 1sg-AUX-PIvf 1sg-DECf

\tra Primo, que hora você chegou? Estou perguntando.

\ref carta 29 005

\mr Oko yama haniba rawi tikiyahi owahabana.
\pr o -ko yama hani -ba rawi ti -ki -yahi o -wa -
habana
\gl 1sg-pos coisa desenho-FUT escrever 2sg-agora_mesmo-IMP 1sg-ler-FUT

\tra Escreva carta para mim, para eu ler.

\ref carta 29 006
\mr Yama hani owatomi onofara ama oke.
\pr yama hani o -wato -mi o -nofa -ra ama o -ke
\gl coisa desenho 1sg-saber-? 1sg-sempre-NEG ser 1sg-DECf

\tra Eu não sei(ler) carta mais não.

\ref carta 29 007
\mr Pirimo F ama tike.
\pr pirimo f ama ti -ke
\gl primo nome ser 2sg-DECf

\tra Primo, você é F.

\ref carta 29 008
\mr Owini amake haro, F toha haro.
\pr owa-ini ama-ke haro f toha haro
\gl 1sg-nome ser-DECf este nome ser este

\tra Meu nome é F.

\ref carta 29 009
\mr Pirimo tiwa onofa oke kasiroya.
\pr pirimo tiwa o -nofa o -ke kasiro-ya
\gl primo 2sg 1sg-gostar 1sg-DECf muito -PERIF

\tra Primo, eu gosto muito de você.

\ref carta 29 010
\mr Casasa me fawaharake ota kamiya.
\pr casasa me fawa -hara-ke ota ka-mi -ya
\gl cachaça 3pl beber-PIVf-DECf 1_exc ir-RET-PERIF

\tra Eles tomaram cachaça quando viemos andando.

\ref carta 29 011
\mr Pirimo owini one amake haro bisa S.
\pr pirimo owa-ini one ama-ke haro bisa s
\gl primo 1sg-nome outro ser-DECf este também nome

\tra Primo, meu outro nome é J.

\ref carta 29 012
\mr Ota kama otake bahi nokoriseya Samaumaya.
\pr ota kama ota -ke bahi noko -rise -ya Samauma-ya
\gl 1_exc vir 1_exc-DECf sol meio_dia-marginal-PERIF Samaúma-PERIF

\tra Nós saímos ao meio dia de Samaúma.

\ref carta 29 013
\mr Moito obirikato.
\pr moito obirikato
\gl muito obrigado

\tra Muito obrigado (vou terminar)

\ref carta 29 014

\mr Faya owati amake mata; babaha oke.

\pr faya owa-ati ama-ke mata ba -baha o -ke

\gl suficiente 1sg-falar ser-DECf já REDUP-prensa 1sg-DECf

\tra Já vou parar de falar porque estou com pressa.



Água Branca



OS INCOMPLETOS SOBRE O RELEVO

RELIEF DATA INCOMPLETE

